



Educação e Pesquisa

ISSN: 1517-9702

reveedu@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Gondra, José G.

A sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX
Educação e Pesquisa, vol. 26, núm. 1, junio, 2000, pp. 99-117
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29826108>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A sementeira do porvir : higiene e infância no século XIX

José G. Gonçalves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo apresenta uma análise reflexiva sobre a construção da ideia de infância no Brasil. Relembra, científica, progresso, individualização, modernização e ciência são alguns dos temas que têm participado da configuração e construção desse conceito no contexto brasileiro.

Discussões sobre infância, expressivo no século XIX, que incide na combinatoria entre rege e civilizar. Esta fórmula, cuja legitimidade foi forjada no interior da ordem médica, determinou que o trabalho visasse a fiscalizar a família de medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), um dos lugares em que o tema da infância esteve presente regularmente ao longo do século XIX.

Com a perspectiva de analisar as representações que se estabeleceram na infância foram produzidas, trabalhou-se com parte da produção da FMRJ, sobre tudo com as teses de final de curso para a obtenção do título de doutor. Além disso, fez-se discussões precisas nas atas do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância e no conjunto das teses do I Conferência Nacional de Educação, na tentativa de indicar a permanência da infância na ordem do discurso médico, a ênfase na necessidade de sua higienização e certos deslocamentos das representações.

Palavras-chave

História da educação – Infância – Higiene – Educação escolar.

Correspondência para:

José G. Gonçalves

**Rua Zamenhof, 46 – apto.202
20240-070 Rio de Janeiro – RJ**

e-mail:

gondra@domain.com.br

Sowing the future : hygiene and childhood in the 19th century

José G. Gon dra

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Abstract

This paper presents a reflection and analysis of the construction of the idea of childhood in Brazil. Religion, science, progress, industry, commerce and civilization are some of the signs that have been part of the shaping and construction of this concept within the Brazilian context.

In face of the complexity of the issue, and of the proliferation of discourses about childhood, only one of them is examined here, a considerably influential discourse in the 19th century that rests upon an alliance between regenerating and civilizing. That formula, whose legitimacy was built inside the medical profession, determined that this work should focus the Medical School of Rio de Janeiro (FMRJ), one of the places where the issue of childhood was present throughout the 19th century.

With a view to analyze the representations made about childhood, part of the academic production of the Medical School of Rio de Janeiro was examined, specially the doctoral theses. Apart from that, judicious use was made of the proceedings of the First Brazilian Congress on the Protection of Childhood, and of the ensemble of theses from the First National Conference on Education, in an attempt to indicate the continuity of childhood as a theme in the medical discourse, the emphasis on the need of its hygiene, and certain displacements of representations.

Keywords

History of education – Childhood – Hygiene – School education.

Correspondence:

José G. Gon dra

Rua Zamenhof, 46 – apto.202

20240-070 Rio de Janeiro-RJ

e-mail:

gondra@domain.com.br

O ho mem bra si le i ro nada tem de in fe ri or ao de ou tras ter ras, ao con tra rio, em mu i tas co i sas lhe é su pe ri or; o que lhe fal ta é ins truc ção, edu ca ção hygi e ni ca, pro tec ção sa ni ta ria des de o ven tre ma ter no.

Dr. Gou ve ia, 1922

O so nho de um mun do me lhore a ne ces - sidade de organiza-lo constituem-se em um discurso recorrente ao longo da história da Humanidade. Atingir tal finalida de vem sendo associada, de diferentes modos e, por vezes, combinadamente, ao apego à religião, à ciên - cia, ao progresso, à indústria, à civilização e também à concepção e ao tratamento que se dis pen sam à in fânc ia, por exem plo. Nes se tra - balho, tra to desse úl timo aspecto, pro curan do re fle tir acer ca da pró pria pro du ção da idéia da infânc ia no Brasil, das estratégi as imaginadas para co lo cá -la na agen da das pre o cu pa ções dos ho mens e das me di das pen sa das para bem con - formá -la.¹ Nes sa di re ção, exa mi nei um dos lu - gares em que o tema da infânc ia comparecia re gu lar men te ao lon go do sé cu lo XIX, de modo a ana li sar qua is as re pre sen ta ções que aí fo ram produzidas. Assim sendo, trabalhei com parte da pro du ção da Fa cul da de de Me di ci na do Rio de Ja ne i ro (FMRJ), so bre tu do com as te ses de - fendidas pelos alunos ao final do curso, de modo a ob ter o tí tu lo de Dou tor. Em uma ten - ta ti va de in di car a per ma nê ncia da in fânc ia na or dem do dis curso mé di co, a ên fa se na ne cessi - da de de sua higie ni za ção e des lo ca men tos das repre sentações sobre essa questão, fiz incursões pre ci sas nas atas do 1 Con gres so Bra si le i ro de Pro tec ção á In fânc ia² e no con jun to das te - ses da 1 Con fer ê ncia Na cional de Edu ca ção.³

Um primeiro aspecto observado nesse es - tu do re fe re -se à su bor di na ção da in fânc ia a uma das áreas do curso médica: a de higiene. Nesse caso, a higiene é representada como ciên - cia-matriz, apon tan do para uma hi e rar quia a ser se gui da no in te ri or da or dem mé di ca, assim como em seu ex te ri or. Hi e rar qui za ção que su põe a hi - giene como dis curso ma tri ci al, o que fica evi - den ciado em um conjunto de teses sustentadas na

FMRJ ao lon go do sé cu lo XIX. Dr. Cou ti nho, em 1857, ao in tro du zir o pon to de sua tese em que tra ta da ques tão es co lar, enal te ce a hi gie ne, cri - a da, se gun do ele, pela Hu ma ni da de em sua luta con tí nua con tra a des trui ção. Para esse mé di co, desde os tempos re mo tos até os nos sos dias, a conserva ção e o aperfeiçoamento da espécie humana eram considerados uma necessidade indis pensá vel, seja nos “esplendores da civilisa - ção ac tu al, nos de ser tos da Ara bia, no cen tro da Grecia bellico sa, seja no tempo das grandezas da Roma an ti ga”. Embo ra uma se re ves tis se do es pírito religioso, ou trase os tentasse no pa trio - tismo espartano e outra tomasse a forma de princípio humanitário, era sempre “a hygiene dictando os preceitos para a conserva ção e o aperfeiçoamento das forças humanas”, inde - pen den te men te do es paço, do tem po e do prin - cípio orga niza dor das culturas.⁴ Ao re fe ri r -se ao

1. Esse trabalho tem origem em minha tese de doutoramento, intitulada *Artes de Civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial*.

2. Ocorrido no Rio de Janeiro, entre os dias 27 de agosto e 5 de setembro de 1922, organizado pelo Departamento da Creança no Brasil, contou com a inscrição de 2632 participantes, entre médicos, parlamentares, professores, representantes da delegações oficiais e de instituições públicas e privadas, advogados, religiosos, fazendeiros, comerciantes e engenheiros, dentre outros. Esse evento foi organizado em torno de cinco seções: 1- Sociologia e Legislação; 2- Assistência, 3- Pedagogia, 4- Medicina Infantil e 5- Higiene.

3. Evento organizado pela Associação Brasileira de Educação, com apoio do governo do Estado do Paraná, ocorrido em Curitiba, tendo sido aberto em 19 de dezembro de 1927. A I Conferência Nacional de Educação foi estruturada em torno de 5 comissões: duas do Ensino Primário, 1 do Ensino Secundário, 1 de Educação Higiênica e 1 do Ensino Superior. No total foram apresentadas 128 teses, distribuídas pelas comissões. No entanto, só foi possível recuperar 112 das teses e 14 pareceres referentes às não localizadas, sendo que em relação a duas, não foi possível localizar nem a própria tese, nem seu parecer (cf, INEP, 1997).

4. Aqui encontra -se presente o aspecto do uso “pedagógico” do passado para justificar o papel de saber - mestre que deveria ser atribuído à higiene. Deste modo, parece haver uma compreensão de história tal qual enunciada por Spencer (1886), isto é, só tem valor fazer e conhecer a história se ela tiver um uso prá tico, se puder funcionar como um guia para ação: “O que nos importa conhecer é a história natural da sociedade. Precisamos saber toda a ordem de factos que nos podem ajudar a compreender como se engrandeceu e se organizou uma nação” (p.53). Com isso, menos vale a distinção das sociedades trazidas como exemplo do que a incorporação por parte das mesmas de prá ticas higiênicas, causa do vigor dos homens e das sociedades. A respeito da concepção da história *magister vitae*, cf. Koselleck, s/d.

seu tempo, o médico fez questão de reafirmar o valor desse conhecimento:

O seu tempo XIX deve dar a higiene o lugar que ella ocupa entre as ciências, os progressos da química, da física, da fisiologia, as observações meteorológicas prestão-lhe o contingente de suas leis, que se convertem em princípio da higiene evitando e atenuando a ação dos agentes externos, e corrigindo a sua influência sobre as funcções do organismo. Os Srs. Long, Ross, Tarde, Levy e outros são os representantes da higiene actual, a qual se ainda não chegou ao seu maior grau de perfeição, mas já com tudo uma progressão ilanternas científicas que ensina a conservar o organismo em seu perfeito estado funcional. (1857)

Evitar, atenuar, corrigir e conservar são constituídos em ações diretamente vinculadas à Higiene, reabrindo-a de uma perspectiva antecipatória, previdente e preventiva. Marquesque, de sua parte, também produzem uma espécie de religiosidade com que essa ciência se faz representar. Marquesque procuram deslocar a ênfase na cura para a ênfase na prevenção, processo cujo sentido também é assinalado pelo Dr. Coutinho:

A higiene com seus progressos tem sido de influência incontestavelmente benéfica, a humanidade tem ganho por toda a parte, em que sua ação se faz sentir, como se provava o aumento da vida média, e o desaparecimento de enfermidades endêmicas em certas localidades, mas talvez que não seja possível afirmá-la humana obstar o aparecimento de epidemias que calam tanto Oriente quanto Europa, apesar das melhoriações do Ocidente, zombando das condições de locais da África, de China, de Estatônia e de Ásia, como vímos no Chile e na Argentina, cuja marcha deslizante se estendeu dia após dia, galgava as colinas, e não respeitava nem condição social, nem sexo, nem idade. (1857)

Ao reconhecer e divulgar as contribuições da higiene, no sentido de aperfeiçoar e fazer progredir a Humanidade, esse médico vai construindo um argumento que procura produzir a legitimação do discurso higiênico, em cujo interior a infância e sua educação deveriam ser abrigadas. Coerente com esse raciocínio, invoca exemplos de boas práticas higiênicas. Segundo ele, a Europa, especialmente a França e a Alemanha, "não podiam ser indiferentes à higiene das primeiras idades".⁵ Nesses países, por exemplo, considerados como cultos, "é a infância cerca da de cuidados e só a desampa para quando adulta se confunde na massa com a multidão". Lembra, ainda, os auspícios recebidos pelas mães pobres mais próximas da realidade produtada concepção, existência de creches que recebiam os meninos durante o período em que seus parentes se ocupavam trabalhos domésticos, as casas de exposição, as leis severas contra o infanticídio, as diferentes instituições caridosas voltadas para a infância, para os surdos-mudos e os cegos, que recebiam apoio e proteção dos homens de coração (sem o que, tantas vidas se consumiriam inúteis a si e à sociedade), e, de modo, a produção de enfermeiros que cursavam aulas especiais. De acordo com Dr. Coutinho, tudo isto se observava e se praticava na Europa.⁶ Ao se referir ao critério que indicava a qualidade dos estabelecimentos escolares, afirma que o crédito obtido pelos colégios, na França, dependia do

5. Sobre a variação no conceito de infância, cf. Kuhlmann Jr., 2000, Leite, 1997, Marçilio, 1997 e 1998 e Priori, 1999. Nesse caso, também vale lembrar o clássico estudo de Ariès, 1981.

6. Teses médicas sustentadas em Paris e Montpellier permitem problematizar uma representação muito recorrente no Brasil oitocentista; a de que os problemas de higiene no chamado mundo civilizado já se encontravam solucionados no século XIX. Nessa lista de teses é possível perceber que o tema da higiene, de forma mais ampla, e o da higiene escolar, mais particularmente, ainda se constituíram em objeto de estudo dos médicos franceses, indicando, assim, que, pelo menos, uma fração da intelectualidade médica francesa não dava como resolvidos os problemas de higiene com os quais se deparava.

número de alunos premiados nos exames gerais, os quais eram feitos em colégios e isentos do charlatanismo tão frequentemente nos sos colégios, finalizando em tom de denúncia.

Higienizar os excluídos

Após a apresentação dos modos de uma educação higiênica, Dr. Coutinho (1857) apresentava uma proposta para os colégios da Corte, que demonstrava tão bem o necessário, partindo do princípio de que não era somente a educação científica que mereceria cuidado, já que a educação física era conveniente mente dirigida, na França e no resto da Europa, e a ginástica e as belas artes faziam parte importante da educação, desenvolvendo o corpo e corrigindo as naturezas ásperas. Com isto, o sentido menor do belo, do justo e do honesto era incompatível com a moralidade dos diferentes sistemas de ensino. Aqui, segundo ele, ao contrário, não poderia “deixar de mencionar o factor repugnante, e que se reproduz quase quotidiano na mente no Rio de Janeiro; – falamos do aparecimento de notícias que dão as folhas públicas de recém-nascidos espertos nas praças e praias da cidade”, lamentando ainda “a completa indiferença que existe a esse respeito que, segundo a expressão de um muito ilustrado Lenete da Escócia, parece que o infantídio é um crime tão fora da índole de nosso povo que as autoridades policiais se dessem que estas exposições tem sempre por causa a miseria dos parentes, que impossibilitados de enterrar os filhos, os lançam à caridade pública, e nunca se houve um crime a fim de levarem os criados aos tribunais competentes.”⁷

Dois anos antes, a tese do Dr. Gonçalves (1855) explorava o tema dos enjeitados, e, a par das duas doutrinas opostas sobre este tema, não oscilava em associar-se àquele que conjugava o espírito crítico como o espírito da ciência médica. Neste sentido, este médico rejeita a posição que, segundo ele, era sustentada pelo Sr. Duchatel e por Lord Brougham, a qual não

previa qualquer assistência aos enjeitados já que, nessa linha de raciocínio, esta medida faria a população crescer sem limite e, como consequência, a própria miséria. Em posição diametralmente oposta, apóia-se em Isaías e São Mateus para afirmar que os verdadeiros católicos, tendo por norma os dois preceitos

7. O tema do infanticídio é tratado em um significativo número de teses apresentadas à FMRJ ao longo do século XIX. Este tema preocupava, sobretudo, pelo elevado índice de mortalidade infantil provocado por um conjunto de práticas, dentre as quais a Revista do IHGB (tomo 89, nº 143) destaca a ação das parteiras e do comércio de leite: “Cruz preta no portal de uma casa, indicava, nos tempos antigos, a residência de parteira. Disseminadas aqui e ali, pelos becos e vilas do Rio de Janeiro, não tinham mãos a medir. Sem leis coercitivas exerciam com plena liberdade os difíceis encargos da profissão. Depositárias de vários segredos, conhecedoras de muitas vergonhas e escândalos, gozavam de grande respeito e dispunham de grandes amizades. Dividiam-se em duas classes: a primeira, a mais numerosa, compreendia as simples curiosas, aparadeiras, vulgarmente conhecidas pelo nome de comadres. Da segunda faziam parte as que tinham carta de aprovação. O exame era prestado perante os comissários do proto-medicato, e em tempos posteriores na presença do cirurgião-mór ou de seus delegados. No número destas últimas havia também escravas. É bem de ver que os proventos da profissão iam encher as algibeiras do feliz senhor, que tinha a felicidade de contar entre seus captivos uma mulata ou negra ladina, entendida em parto. Nos arquivos de nossa Municipalidade devem existir ainda os registros dessas curiosas cartas de aprovação. Ainda depois da Independência custavam elas: de feitiços três mil e duzentos, de assignatura mil e duzentos, e de impressão seis mil e quatrocentos réis. As curiosas por serem mais baratas, eram em geral encarregadas de levar à roda os recém-nascidos escravos, cujos senhores não queriam ter os incommodes da criação. Prestados os socorros à parturiente, voltava à noite a aparadeira e, mediante modica retribuição, recebia o fardo arrancado às carícias da pobre mãe e o ia depositar na portinhola da Casa dos Expostos. Envoltas na clássica mantilha, não eram poucos os sustos que sofriam: evitar as vistas dos transeuntes e as indagações dos quadrilheiros da polícia do Vidigal famoso. Passados os dias de resguardo, constituía-se a parturiente captiva, lucrativa fonte de renda. O escravocrata logo a anunciava como perfeita ama de leite, sadia, muito carinhosa, que não era dada as bebidas, nem fujona. E a ganância chegava a tal ponto que com o leite de um só parto houve escravas que faziam a criação sucessivamente de duas e três crianças” (1924, p.413-414). A transformação desse tema em objeto de estudo dos médicos confirma a denúncia presente no discurso do Dr. Coutinho, em 1857. É possível pensar que a defesa do aleitamento materno defendido pelos médicos seria também uma estratégia para combater o comércio mercenário do leite e a exploração gananciosa que os senhores faziam de suas escravas, seja na qualidade de parteira, seja na de ama e, com isso, também constituíam a moda e o luxo feminino em práticas a serem erradicadas. Pode-se, ainda, associar ao tema do infanticídio as teses que tratam do aborto, gravidez, parto e do funcionamento das Casas dos Expostos. Um exemplo de tese que trata deste último ponto é a de Gonçalves (1855).

da religião, de amar a Deus e ao próximo, não poderiam admitir o abandono dos “engeitados”, sustentando que:

Para nós a criança, quer seja filha de união legítima, quer de uniões que a lei proíbe, tem igual direito ao interesse da sociedade; já nossas leis sabiamente dispostas, reconhecem este princípio outrora desprezado, em tempos de ignorância e barbarismo; sua beneficência não pode achar infeliz quem modifica a opinião pública que quase influi na sua infância; é pois bem triste que essa que não pôde resistir à linguagem dos sentidos, e da sedução, seja a única vítima da censura, e do desprezo da opinião pública, ao passo que seu próprio sedutor passa impune por seus crimes, zombando muitas vezes da miséria a que levou a infeliz. (1855)

Ao representar a mulher como vítima dos “se ditores”, ajuda a consagrá-la como objeto e não como responsável pela gravidez, caricaturizando que, por sua vez, justificaria o “perdão” e a proteção da mulher e da criança sob o manto da religião e da medicina, insatisfeitas com os índices de mortalidade infantil, sobretudo junto à população pobre. É com base nestas posições que ele sustenta a necessidade de criação dos “hospícios dos engeitados”, alegando que seria mais vantajoso socorrer os meninos pobres reunidos em uma casa comum, a qual garantiria a moralidade das crianças e das mães, bem como a proteção das últimas. Em seguida, Dr. Gonçalves acrescentava que, ao se admitirem os “hospícios”, estariam sendo salvas as vidas de “muitos infelizes” que, caso contrário, poderiam ser objeto de aborto, de infanticídio ou de uma exposição inevitável. No entanto, a casa dos expostos deve ser organizada segundo os preceitos da higiene, sob pena de se ver mantido o alarmante índice de mortalidade, o qual, de acordo com a estatística deste médico, atingia 82% na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro. Uma exceção na li-

da de, com parada com o que ocorria em casas assimeladas e outras do Brasil e do exterior, como ele apresenta no mapa reproduzido no Quadro 1.

Ao apresentar esta tabela, Dr. Gonçalves destaca o elevado índice de mortalidade do Rio de Janeiro, após o que procurava apontar as causas que, segundo ele, mais poderosamente concorriam para a grande “destruição de infelizes abandonados por seus pais, que, procurando no hospital a proteção, e amparo de sua vida”, só encontravam “um caminho mais curto para a sepultura”. Isto ocorria em virtude de todo da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro: poucas acomodações para o número de crianças recebidas, falta de vigilância necessária, surtos epidêmicos de oftalmias, desintérias, tubérculos mesentéricos, sarampões e bexigas, contato entre os doentes, aleitamento coletivo, desprezo às regras de asseio e falta de equipamentos necessários à realização de algumas atividades clínicas.⁸

Adiciona, como causa, a própria ideia: por ser a criança mais frágil, mais facilmente sucumbia às doenças e morria, além disso o próprio estudo com que as crianças eram lançadas na “roda” (vindas de muito longe, sofrendo privações de toda a sorte, abalos consideráveis, expostas ao frio da noite ou ao calor do dia, por vezes depois de demoradas horas nas portas das igrejas ou nas escadas dos edifícios, ou então já quase a morrer) e, finalmente, a queda das amarras. Tudo isto, combinado, explicava o elevado índice de mortalidade infantil. Ao traçar o mapa das causas, torna-se possível perceber as prescri-

8. Sobre a continuidade das Casas dos Expostos até meados do século XX, no Brasil, cf. Marciilio, 1997. Segundo essa autora, as Casas dos Expostos do Brasil foram as últimas do gênero existentes em todo o mundo ocidental. O fim dessas organizações coincidiu com o aparecimento de outras organizações voltadas para a infância. Sobre as Casas de Asilo em Portugal, cf. Fernandes, 2000, e sobre as creches e outras medidas de proteção e cuidado da infância no Brasil, cf. Kuhlmann Jr., 2000.

Quadro 1. Mapa da Morte nas Casas dos Expostos

	Anos	Existiam	Entraram	Total	Faleceram	Mortalidade
Rio de Janeiro	1852-53	70	560	630	515	82%
	1853-54	53	552	605	462	76%
	1854-55	76	528	604	275	45%
Campos	1853-54	224	65	289	33	12%
Porto Alegre	1853-54	186	72	258	45	14%
Bahia	1853-54	74	75	149	40	27%
Pernambuco	1853-54	274	119	393	79	21%
Portugal	1851-52	33.010	14.957	47.967	9.468	19%
	1852-53	33.832	15.358	49.190	9.899	20%
Lisboa	1853-54	—	—	1.843	347	19%
Coimbra	1853	833	470	1.303	152	11%
	1854	962	600	1.562	181	12%
Madeira	1853	978	212	1.190	125	10%
França	1845	96.788	25.239	122.027	12.592	11%
Paris	1852	14.039	3.303	17.342	2.006	11,5%
Madri	1854	4.957	1.860	6.817	1.596	23,5%

ções extraídas do guia da higiene no que diz respeito à manutenção da infância pobre e abandonada. Guia da higiene que, como o próprio Dr. Gonçalves afirma, encontrava-se em profusão com os preceitos da fé cristã. Guia, portanto, da razão e da fé, que pouco discute as causas da pobreza, mas sim os procedimentos a serem adotados para cuidar dos deserdados, dos infelizes, dos enjeitados. Neste sentido, trata-se de uma representação em torno da pobreza que entra naquilo que identifica como práticas da barbárie (abandono dos enjeitados), naturalizando, contudo, a própria pobreza.

No “1º Congresso de Proteção à Infância” (1922), esse tema manteve-se presente, ampliando-se, contudo, o leque dos argumentos em favor da higienização da infância. Uma flexão, observável nesse momento, articula os argumentos médicos-religiosos ao econômico. Com

esse deslocamento, o cuidado com a infância passa a ser representado como investimento, tendo em vista gerar/produzir sujeitos que pudessem ser integrados produtivamente ao mundo do trabalho. Nesse momento, a proteção à infância encontrava outro motor.

A dirigir-se aos presentes na sessão de abertura desse evento, Dr. Fernando Magalhães⁹ recolocava a preocupação em torno da infância, trazendo para o debate o aspecto econômico dessa questão. Para ele, o aproveitamento e a vigoreamento da criança representavam a economia, o acréscimo das forças vivas da nação e da vida. E indignava ao seu auditório: “De que valeram as crianças para trazer ao Brasil imigrantes quando deixamos

9. Membro da Comissão Executiva desse evento, médico da FMRJ, diretor da “Pro Matre”. Esse discurso foi pronunciado em nome dos delegados oficiais dos Estados do Brasil.

emigrarem para a eternidade as creancinhas por falta de cuidados?"¹⁰ Em se guida, comenta e posiciona-se: "O problema da criação dos meninos deixou de ser uma questão de ordem puramente familiar para abranger múltiplos interesses de ordem social." Nessa linha, ele afirma: "Uma criança que se perde, material ou moralmente, não significa sómente umasaudade para a família, uma vergonha para os pais; é, mais do isto, uma forma que se perde para a sociedade" (1924, p.132). Nessess termos, a infância é mantida em descurso, instalando-a na condição de "máximo problema social", mantendo-se igualmente a fórmula articulada em nome da higiene de modo a resolvê-la, a qual encontra-se inscrita e expressa na gramática do guiar, ajudar, corrigir e substituir.

Para Dr. Magalhães (op. cit.), diferentes instituições deveriam conjugar tal gramática. Segundo ele:

Nolar, na escola, nas oficinas diversas, a criança não perde só mente á família, não cabe a esta cuidar de que ella viva, cresça, se desenvolva, se aperfeioe; á sociedade, aos governos cabe verificar, fiscalizar, assistir, defender nomeno os seus próprios interesses, impedindo que elle seja mal ou insuficientemente nutrido, que se lhe exijam trabalhos intellectuaes ou physicos incompatíveis com as suas forças ou com a sua edade, que se lhe negue o pão do espírito ou se lhes crescem flôres da virtude e do coração, que se veja elle exposto ao contagio das moléstias e dos vísceros. (1924, p.133)¹¹

Combinando e conjugando esforços, obter-se-ia uma infância protegida, higienizada. Em consequência, obter-se-ia a própria defesa da sociedade¹², pois para o professor da FMRJ:

Surpresas admiraveissão com metidas por criminosos profissionaes, rebeldes a todas as junções das leis e da moral, insensitiveis á vergonha d'apena, preguiçoso e debochados, cynicos e cupidos, vivendo fóra da sociedade e á

sua cesta, por que sua infância foi mal ou não foi absoluamente protegida. Por outro lado a sociedade arrasta consigo um enorme peso morto de individualidades inutileis, porque crianças não foram adaptadas á collectividade. Quando recolhemos um pequeno ser atirado sózinho na tumultuosa maré das folhas sociais, viciadas de paes indiginos ou de tiras profundas, não é elle que nós protegemos, são as pessoas honestas que defendem; quando tentamos chamar ou fazer voltar á saúde physica ou moral seres decadentes e fracos, ameaçados pela contaminação do crime, é a própria sociedade que defendemos contra aggressões, das quais para ella mesma, o abandono das crianças constitue uma ameaça ou um presságio. (1924, p.133)

A manutenção da infância em discurso ocorre, portanto, com a agregação de novos elementos. Ao lado da economia, a defesa da sociedade, mais do que a defesa das individualidades das crianças, é eleita como razão para a proteção da infância. Ameaça ou presságio adjetivam os excluídos, aspectos que fundamentalmente intervenção do Estado, qualificando o problema da infância ora como questão do Estado, ora como "máximo problema social". Ao admitir que a defesa da infância implicava a defesa da sociedade, Dr. Magalhães propõe que tal questão também pudesse ser percebida na órbita do "direito penal", redimensionando mais uma vez o problema. Antes de finalizar seu discurso na abertura do referido evento, esse médico recorda uma afirmação comumente ouvida: a de que "já não temos homens" e de que tudo se encontrava diminuído, degenerado e desmoralizado, em virtude do que exclamava:

10. De acordo com observação da ata, essa indagação foi objeto de "Applausos".

11. Trecho objeto de "Muitos aplausos", de acordo com as atas do Congresso.

12. Uma reflexão instigante acerca dos procedimentos adotados em defesa da sociedade encontra-se em Foucault, 1999.

"somos um país de perdidos!". Ele, então, dirige-se ao público: "Achaes assim? Julgaes des te modo? De quem a cul pa? O que fa ze mos por prophylaxia? Não re agire mos? Deixa remos que a infecção se generalize no organismo social?" Ao comentar o questionário que apresentara ao público, ele assegura que se não "temos homens foi porque não foram bem aproveitados e dirigidos os meninos de hon tem.", re-indagando seus ouvintes (e futuros leitores): "Como cruzar os braços e não agir no sentido de formar homens?"

Ao de ba teressa úl tima in terro ga ção, procura con ven cêr e en volver seu au di tório na luta em fa vor das idéias de fendi das e do progra ma proposto, reafirmando a tese da criança como "sementeira do porvir", razão que o levava a conclamar todos a se aplicarem, com afínco, paixão e carinho, ao tra balho me ri tório de for mar em cada criança um homem digno de amanhã.

Na 1 Conferência Nacional de Educação (1927) a in fância per ma ne ce em dis curso, o que pode ser evi den ciado na quan ti da de de te ses em que esse tema é tra ta do, cen tral ou la te ral men te. Dr. Be lisario Pen na, presiden te da Co mis são de Educaçao Higiênica desse evento, em sua tese, analisa a ne cessi da de da edu caçao higiênica. Apoi an do -se em um "no tá vele u ge nista" espanhol¹³, chega a afirmar que "o problema hu ma no é um pro ble ma de higiene, resolvi do o qual, despa re ce rão as ca usas da mi séria hu ma na" (p.32). No caso do Bra sil, o pro ble ma de higiene, para o Dr. Pen na, atin gia mais de 90% da po pula ção que "não sa bem ou não têm su fi ci entemente educadas a intel igê ncia e a vontade para defender e mel horar incessantemente a pró pria vida". Sendo assim, continua, era evi den te que não con tri bu íam para a de fe sa e mel horamen to da vida da fa mília, da so cie da de e da es pé cie. Ao con trá rio, afir ma, o con curso de in dolentes, de depositários e propagadores de doenças e taras patológicas é o de contínu a e pro gressiva degenera ção da famí lia, da socie dade e da espécie.

Não bas tas se esse qua dro, o mes mo en contrava -se agravado pois, segundo Dr. Penna, dos pou cos bra si le iros que sa bem de fendere mel horar a pró pria vida, in signi fi can te fração pre ocupava -se com a defesa e mel horamento da socie dade, contando -se pe los dedos os que cogitavam o aperfeiço amento da espécie. Aqui, Dr. Penna deixa pistas para se com pre ender uma nova inter venção jun to à in fância. Lado a lado com o ar gu men to eco nô mico (mel horar a socie dade) e o ju ri di co (a de fe sa da so cie da de), esse mé di co aco pla a ra zão eu gê ni ca (aper fei ção a es pécie), ad vertindo que depende do poder e vontade do hom em "apurar as qualida des, corrigir ou el iminar os defeitos", superan do -se "no pro du to, ser vin do -se no jar dim do matrimônio com a vontade firme de criar fi lhos e que es tes sejam me lhor es do que os que o ge ra ram" (1997, p.33). A in ob ser vân cia dos "deveres" sociais, morais e raciais con duziria ao se guin te qua dro:

A in ob ser vân cia des ses de ve res é que acar re ta ma les pro fun dos e gra ves per igos para os po vos que os es que cem ou des pre zam. São eles: a indolê ncia, a do en ça. O des ca so pela hi gi e ne físi ca, men tale moral, as in toxica ções eu for ísti cas volun tár ias, o suici dio, os aten ta dos con tra os bens e dire itos do pró xi mo, o ho mi cí dio, o ego ísmo, a fal sa con cep ção do ca sa men to, a de gen era ção da raça, o luxo, a con cupis cê ncia, a prosti tui ção, o jogo, a imor al i da de, o la tro cí nio, a mortali da de in fan til, a irreligio si da de, o an ti pa tri oti smo, a corrup ção, o su bor no, a ti ra nia, o pa vor à li ber da de e à ver da de e o pre domínio da força so bre a jus ti ça e o di re i to. (1997, p.32)

No amplio rol dos efeitos da não obe diê ncia aos pre ce itos da hi gi e ne e da eu genia, o mé di co pre nun cia um qua dro de so la dor de

13. Qualificação atribuída pelo brasileiro a Luis Huerta.

modo a aglutinar todos em torno do projeto em que acordava e com o qual encantava-se com prometido, individual e corporativamente, poisonando o que o que enunciava está aí para aí, pelo ordem do discurso da qual faz parte, isto é, esse tipo de enunciação encontrava credenciado pela ordem médica. Nesse extenso conjunto, evidencia-se igualmente uma complexa combinação das razões para higienizar. No discurso do Dr. Penha, incidem os argumentos religiosos, higiênicos, econômicos, jurídicos e eugênicos, convergindo todos para uma finalidade exemplarmente. Nessa tarefa, agências distintas deviam cumprir diferentes fases específicas: consorciadas: a casa, o asilo e a escola. Agências já referidas ao longo do século XIX. No entanto, o centro desse trabalho foi constituído em torno da reflexão acerca da relação entre o discurso da higiene, infância e educação escolar.

No que se refere aos colégios, destino de uma infância mais afortunada, Dr. Coutinho (1857), para alterar o quadro de insensibilidade e impunitude que percebia, exortava a autoridades para que se promovesse a adoção dos preceitos higiênicos, pois os cuidados que se deviam prestar à infância eram “quasi desconhecidos entre nós; no que é relativo à educação, à higiene ainda não preservou o seu apoio, e seus preceitos ou são ignorados, ou desprezados em nossos colégios.” O tom, marca da mente de dennúncia, parece acenutar-se quando se dirige a uma suposta retórica, existente à época, que pregava a cidadania dos higiênicos ao mesmo tempo em que não criava condições para que os mesmos fossem efetivados: “Em nosso paiz, em que o charlatanismo e a especulação tem tomado proporções gigantescas.” Com referência ao charlatanismo, afirmava: “a educação não foi esquecida pelos fribulhetários que abundam no paiz; engendrou-se o programa collegial com todo o cortejo de promessas nunca realizadas.” Com relação à especulação, denunciava: “atraíam-se a concorrência de alunos com pomposos anúncios, as ciências, a

literatura, e as belas-artes são garantidas à mocidade: prometem tudo e nada cumprem.” Aqui, também, é possível perceber, no reconhecimento daquilo que não se realizava, a presença do debate acerca da higiene nos colégios, embora, segundo Dr. Coutinho, o que se verificava era uma discrepância entre as propostas higiênicas e os atos efetivos.

Do ponto de vista dos atos, ao finalizar sua pregação em favor da higiene, ciência agregadora dos aspectos físicos, intelectuais e morais da educação escolar, insistiu no tom de denúncia ao se referir à perplexidade dos pais no momento de enviar seus filhos aos colégios, fosse pelo caráter espécie cultivo e perigoso das casas de educação, fosse pela qualidade dos diretores e professores escolares, bem como a de seus professores:

Aquelles que não ignoram o estudo de nossos colégios ficam perplexos quando tem de enviarem seus filhos à instrução secundária; e com razão, porque exceptuando poucos dignos colégios que conservam os outros não são mais do que casas de espécie cultura immoral e perigosa.

Os excessos praticados que foram obrigações dos diretores e professores mostraram a sua ignorância, e não é para admirar que muitos candidatos não conseguem comparecer a essas matrículas nas academias do Império; isto é, relação à instrução literária. A educação moral e religiosa é desgraçadamente nulla; a incredulidade vai-se generalizando em nossa sociedade com todas as suas consequências fatais; o desamor pelo trabalho nas corações jovens, cria raias permanentes, e é o caminho seguro para o scepticismo que mata a crença, que braços que unem os individuos entre si, desvirtua as forças da inteligência e aniquila as tendências humanitárias. (1857)

De posse dos modelos bem sucedidos no exemplo dos preceitos higiênicos, Dr. Coutinho classificava o que via no Rio de Janeiro

como algo a ser superado pela obediência à doutrina da higiene moderno, isto é, ao saber médico, cujo raio de ação procurava atingir o ser humano nas suas dimensões física, moral e intelectual, constituindo uma trindade pedagógica, fundada, amparada e legitimada pela ordem médica. Assim, guia da pela ordem médica, estar-se-ia procedendo a uma operação com um duplo efeito: higienizar as “casas de educação” e dar à higiene o lugar de proeminência entre as de maiores ciências que floresciam (química, física, fisiologia e meteoroologia).

A higiene como ciência da infância

Dr. Guimarães, em 1858, retomada de sua higienização na discussão de “Ciência da Infância”. Ao discutir as competências na educação dos filhos, afirma havia ter três grandes questões que deveriam participar desse trabalho: as mães, os pais e a higiene. O extenso discurso sobre a “Ciência da Infância” é bastante extenso expressivo do modo como os médicos representavam a educação escolar, impondo a esta os princípios, método e procedimentos oriundos daquela. Sobressaem, de fôrte forma, uma educação pública que subtraísse a criança da influência única e exclusiva do ambiente familiar, posto que o Estado queria marcar seus filhos, educando-os. O Império deixa de constituir seus súditos, não mais cidadão, portanto, uma educação exclusivamente doméstica, em que as mães cuidassem da formação moral e os pais, da formação intelectual. Defendia, contra esse formato, uma educação em que a família se constituísse em torno da criança, não cabendo, portanto, a separação de competências entre o pai e a mãe; o que alteraria o próprio conceito de família e o lugar da educação no seu interior.¹⁴ Defende, do mesmo modo, que a educação não se esgotasse nesse novo modelo de funcionamento familiar, sustentando a necessidade de uma educação pública a ser desenvolvida sob os auspícios da higiene:

Não admitemos como quer Mr. A. Martin, que sejam as mães as únicas encarregadas da direção moral de seus filhos, ficando reservado aos pais o cuidado da instrução puramente. Com efeito pela própria lei da natureza a mãe deve ter uma grande parte na educação dos primeiros anos tanto moral como de outra espécie, mas pretender negar ao pai uma parte n'esta doce e sublime é fazeria cruel, prejudicial e até mesmo impossível. A harmonia, que deve subsistir entre o pai e o filho se romperia ficando aquelle estranho à formação do coração d'este; um desacordo contínuo reinará entre os pais e a esposa intervindo aquelle muitas vezes de uma maneira contrária à esta nas relações entre os dois filhos.

Aos pais portanto, como temos visto, pertence uma parte desta dupla tarefa e à higiene, como veemos é reservada ou tra. A higiene, o mais importante dos ramos da Medicina, como diz o nosso discurso médico Sr. Dr. Thomaz Gomes dos Santos, virá fornecer os meios de prolongar estas existências vacillantes e de combater vitoriosamente sua fraqueza nativa.

Esta ciência da infância virá mostrarás familiares aos diretores desestabilizamentos públicos e particulares ressaltando a importância de quem vem ligar a constituição, temperamento, fraqueza e disposições morbidas da infância, e ensiná-lhes a obviar estes inconvenientes oferecendo-lhes uma alternativa variada e escolhida, ar, água, loção, clima adequado, uma gymnastica proporcionada e até mesmo agentes medicamentosos.(1858)

14. Sobre a confluência entre o modelo familiar nuclear e o modelo escolar moderno, o estudo de Ariès (1981) constitui-se em referência obrigatória. No discurso do Dr. Guimarães é possível entrever a articulação, presente em sua defesa, entre uma “educação pública” e o reconhecimento das famílias, redefinindo e alterando, assim, as competências de pais, mães e as do próprio Estado. Para o caso brasileiro, o estudo de Costa (1989) indica, com um bom nível de precisão, como o processo de constituição da família conjugal foi representado pela ordem médica que, deste modo, procurou constituí-la.

Como se pode verificar, o brado deste médico em favor da higiene, elevando-a à condição de grande ciência da infância, produz uma representação que a transforma em molde dos modos familiares, particularmente estatais de educar e formar o bom homem social. Ciência esta que, para atingir seus fins regenerativos – cuidar e elevar os débeis – poderia, inclusive, fazer uso da arte de formular, isto é, dos aspectos medicais menores, o que surge numa representação amplificada desse ramo da medicina, que, nesse discurso, se encontra eleva do ao lugar “mais nobre e importante”.

Neste sentido, não é de se estranhar que este traço também esteja presente na tese sustentada pelo Dr. Armonde em 1874. No prefácio, logo no primeiro parágrafo,スマaria apresenta a sua personalidade e o seu interesse pelo “ponto” escolhido:

Eis-nos, jovem timido, inteligencia pobre de ilustração, espirito pouco affeito ás lidas que occupão os animos superiores e consumados pensadores, encetando um escripto publico sobre o assunto do mais palpitanter interesse, a synthese de todos os problemas sociais - a educação.

O médico, ao se envolver no desafio de produzir um esrito público em que passa ao papel “apoucadas reflexões” e a “observação de algumas cousas relativas á educação na Corte” toma para si um objecto que, segundo ele, era a síntese de todos os problemas sociais. Esta escolha não se constitui em uma escolha esteticamente individual, mas profundamente controlada pelos discursos que a corporação médica elege como prioritários ao longo da formação, na conclusão do curso e também no exercício profissional. Após explicar o valor do tema trabalhado, caracteriza, em seguida, o que entende como “Ciência da Infância”. No ponto específico e desenvolvido pelo Dr. Armonde, ele procura, nesta perspectiva, valorizar a área de higiene no interior do campo médico:

A Higiene é a primeira das ciências. Realiza o ultimo desideratum de Hypocrates, é a aspiração principal do homem, dando-lhe a felicidade possível na vida; a higiene é o suco doce de todos os frutos colhidos pelos cultivadores diversos e numerosos da grande arvore das Ciências Médicas.

Como uma mãe extremosa para a humanidade, ella afasta de nós, e minuciosamente, todos os obstáculos que possam impedir ou perturbar a nossa vida. Mais piedosa que a própria Therapeutica, evita as molestias, que a esta só é dado curar. (1874)

A dissertação do Dr. Armonde fornece a crença do poder da higiene, posto que esta “mãe extremosa” era responsável por provocar um deslocamento no funcionamento da medicina, cujas preocupações, conforme os princípios da higiene, deveriam migrar da “cura” para a “prevenção”. É, pois, com o entendimento de que as intervenções educacionais encontravam-se marcadas por um caráter preventivo que o autor de senso a sua dissertação, do que também de corria o seu interesse (e o da medicina) pela educação. Ainda no prefácio, o Dr. Armonde sinaliza para o tratamento que daria aos diferentes aspectos contidos em seu ponto. Assim, ele enuncia seu protocolo de leitura:

À medida que discurramos, falaremos das relações existentes entre esse estado e a saúde dos habitantes, procurando mostrar que as molestias estão entre nós, cujo desenvolvimento é devido à imperfeição da educação; concluindo que, com o aperfeiçoamento desta, muito ganharão o nosso estado sanitário e nossa civilização, a nossa futura grandeza, seja material ou moral. A educação, todos os bem, compreende três ramos: educação física, moral e intelectual. Tão intensas são as relações que existem entre esta tripla ciência, que muitas questões não podem ser completamente classificadas em um ramo, por se ligarem igualmente a outros.

Tra tan do de uma ques tão de edu ca ção physi ca, por exem plo, nada mais na tu ral do que pas sar-se insensivelmente para uma questão de educação mo ral ou in tel lec tu al. Uma das diffi cul da des do nosso pon to está, poi s, pre ci sa men te ness a in ti ma corre lação, nessa quase inse par a bi li da de das ques tões. (1874)

Dr. Armonde explicita, por tan to, em seu protocolo o interesse pela “imperfeita educa ção” na sua “tríplice ramifica ção”(física, in te-lectual e moral), a qual carecia de aperfeiçoamento e que, se efetivada sob os auspícios da medicina, inter feriria positivamente na produ ção de “nos sa fu tu ra gran de za”. Isto é, o tri un fo do Império encontrava-se subordinado a uma cadeia de relações causais, que teria em sua pon ta ini ci al a higiene, a qual de termi na ria uma boa edu ca ção que, por sua vez, se ria de ci- siva na con stru ção de um bom es ta do sa nitá rio, uma boa ci viliza ção e, conseqüentemente, a grandeza ma terial e moral do pa ís, es tabele cendo, des te modo, uma hi erar quia de sa be res e de poderes. Neste sentido, nas teses médica s da FMRJ, pode-se perceber que, apesar de posi ções di feren ciadas a cerca de ques tões espe ci fi cas, tais como o papel da igreja, da edu ca ção fe mi ni na e da obri ga torie da de do ensino, a ên-fase anun ci a da na forma ção da mo ci da de é de- senvolvida seguindo um mo delo discursivo mar- cado pelos elementos da modé stia, da autori da de (pela eru di ção e co nhe ci men to do pas sa- do) e de relevânc ia do tema estudo, bem como pela defesa de uma rede hierárquica de po der, em cuja ori gem e pon to su per i or lo cali- za va-se a “Ciên cia da Infân cia”.

A higiene no discurso professoral

O dis curso da higiene, no en tant o, não se con stituía em uma par ti cu lar ida de dos con clui- tes do curso de me di ci na. Tam bém era le gi ti- mado jun to ao cor po do cen te da fa cul da de. O mé di co-professor Carlos Ro dri gues Vas con cel- los, ao con cor rer ao car go de Len te de Hi gi e ne

da FMRJ, foi obri ga do, pe los dis po si ti vos es- ta tu tá ri os, a es cre ver e de fen der uma tese so- bre esse tema, intitulada “Hygiene Escolar”. Essa tese, contudo, distingue-se das demais pelo fato de pre ten der abor dar um úni co pon- to, a higiene es colar, e en con trar-se ma teri al- mente estruturada de modo distinto, já que possui capa e dados institucionais imediatamente seguidos pelo texto propria mente edito. Não encontramos, por tan to, nem a se ção de agradecimentos, nem a nota avaliativa, tam - pouco os aforismos de Hipócrates. Registro uma ou tra dis tin ção, que se re fe re à pre sen ça de imagens gráfi cas no corpo do trabalho, dis pos tas ao fi nal do mes mo, em que o le i tor tem acesso aos desenhos de diferentes tipos de mo bi li ário es co lar re fe ri dos pelo au tor em seu dis curso, quando de di ca-se a abor dar essa pro ble mática, pro curando com parar os mode- los exis ten tes no mun do, suas ca racterís ti cas e vantagens. É mantida, contudo, a nota de que “A Fa cul da de não ap rova nem re prova as opiniões emitidas nas theses que lhes são apresentadas.”

O dis curso do Dr. Vas con cel los em tor no da ques tão da higiene en contra-se organizado em cinco blocos: Introdução, Internatos e Externatos, A Escola, o Aluno e Moléstias Escolares. Na introdução, o autor pro curou res sal tar a re le vân cia do tema a que se de di ca-va, bem como a abor da gem de sen volvi da. Para ele, a higiene es colar con si tu ía-se em um as- sun to que pre o cu pa va o es pí ri to dos hi gi e ni- stas fazendo com que os múltiplos e variados ele men tos de aná li se en con tra dos nos es tabe- leci mentos es colares es tivessem des pertan do a ativid ade de um grupo de trabalhadores que clamava “todos os dias pelas urgentes refor- mas de que necessita esse ramo da hygiene.” Reforma esta que, na óti ca des se mé di co, de- veria conjugar diferentes faculdades do ho- mem, rompendo com uma tradição da Antigüidade em que os povos es meravam-se na edu ca ção fí si ca dos ado les cen tes, mas des- prezavam o lado in te lec tual. Em sua época,

regis tra que ocorria um movimento oposto, isto é, em vez de ginásios onde se formava grande atletas, “ve mos predi os e pardieiros onde as crianças vão iniciiar-se no culto dessas deusas atormentadas, difíceis de serem mostradas – A Ciência ou a Arte –, mas á custa do desenvolvimento físico, á custa da saúde.” Ao concluir o diagnóstico da educação de seu tempo, afirma que os adolescentes são vítimas “immoladas em honra da educação pela tuberculose, escrofulose, rachitismo, etc., ou deixando impressos os caracteres dos vícios de conformação adquiridos nesse meio ainda tão descurado entre nós”. Para sustentar sua posição, recorre a um higienista italiano¹⁵ que confirmava a necessidade imperiosa de se dedicar atenção à escola e ao reforço da parte dos postulados higienistas: “La scuola è il sacro Paladio dove è riposto l'avvenire della nazione.” Descrita como sagrado palácio, a escola deveria ser ordenada pelos princípios, métodos e prescrições da higiene, de modo a poder formar sujeitos fortes, saudáveis, intelligentes e moralizados que, com essas características, alicerçariam a nação, constituindo-se em base segura para um futuro idealizado como grandioso.

Países¹⁶, personagens¹⁷, levantamentos¹⁸, procedimentos¹⁹ e estratégias²⁰ integravam a trama discursiva desse médico, cujo objetivo é convencer a todos de que o investimento em educação constitui-se em esforço que poderia ser largamente compensado quando se restituísse à “sociedade as crianças que foram entregues aos estabelecimentos de educação, educadas, fortes, robustas e aptas para pagarem com usura o empréstimo que contrahiram com ella indiretamente.” Ao encerrar sua introdução, ele busca reconhecer que seu trabalho não era completo, assinalando que os problemas que abordava requereriam estudos especiais, o que era incompatível com as características de uma tese. Todavia, afirma que em sua tese estavam indicados “os verdadeiros princípios em que se deve basear higienistas e constructores”, e que se sentiria suficientemente recompensado se tivesse a

fortuna de ver “attendidas as nossas reclamações”.

Neste conjunto de observações, fica ressaltada a presença de traços de um padrão discursivo identificado nas teses médicas: humildade, erudição, autoridade, valorização do objeto estudado e hierarquização de saberes tendo, como base, a ciência da higiene. No que se refere às representações deste último médico sobre o objeto educacional propriamente dito, verifica-se que ele propõe a realização de uma ampla cruzada moralizadora, combatendo eminentemente o modelo escolar dos internatos, sendo este ponto merecedor de destaque, pois é possível, com isto, perceber uma disputa entre a forma escolar mais identificada com o modelo religioso – dos seminários/mosteiro, de uma vida

15. Fazio, *Tratado de Igiené*, de 1886.

16. França, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Suíça, Áustria, Itália, e até mesmo, segundo ele, a “tyrannizada” Rússia; nesta sequência.

17. Rousseau (*Emile*), Montaigne (*Essays*, livro I), Locke (*Education des Enfants*, 1821) e Brouzet (*Essai sur l'education medicinale des enfants et sur leurs maladies*, 1754)

18. Apresenta dados de um recenseamento da Corte, de 1872, para provar que o número de crianças freqüentadoras de escolas já era bastante significativo. De acordo com esse censo, na Corte havia 67.064 crianças e, desse total, 15.923 encontravam-se matriculadas em uma rede de 192 escolas gratuitas (públicas e subvencionadas) e pagas. Desse quantitativo de escolas, 94 eram gratuitas, sendo 46 voltada para o ensino masculino e 48 para o público feminino. Neste censo discrimina-se ainda o público das escolas públicas e particulares quanto ao gênero, sendo encontrados 4.734 alunos e 4.588 alunas na rede pública e 3.470 meninos e 3.131 meninas nas escolas da rede privada.

19. Segundo ele, as conferências e exposições escolares que aconteciam eram interessantes, mas pouco práticas do ponto de vista da higiene escolar, sobretudo porque ainda tratavam as crianças de modo fragmentado, abandonando o trabalho corporal/físico.

20. Reconhece que já se dispunha uma grande soma com o ramo escolar, apesar do atraso em que o mesmo ainda se encontrava, o que poderia nos levar à conclusão de que o problema era, então, de gerenciamento dos recursos. Este problema até poderia existir, mas este médico aponta, também, para a necessidade de elevação dos recursos a serem gastos com educação, propondo um imposto pequeno por habitante, a exemplo do que, segundo ele, já era praticado na maior parte dos países estrangeiros. A inclusão de um “imposto escolar” também esteve presente no horizonte do poder executivo central a ponto de, no relatório ministerial de 1879, o Ministro Carlos Leônido de Carvalho defendê-lo como alternativa para o problema do financiamento da educação.

reclusa – e aquele de fendi do pela higiene. Neste sentido, cabe acompanhar o seu posicionamento sobre este aspecto da cruzada moralizadora que pretendia ver deflagrada.

Higiene e o combate à reclusão

A principal reclamação do Dr. Vasconcellos, em sua tese de 1888, refere-se ao desprezo pelas regras de higiene escolar, o que terminava por orientar as demais reclamações que apresenta em seu discurso. No item intitulado “Internatos e Externatos”, exprime uma resolução e menção com relação aos internatos que, para ele, se constituíam em uma das fontes de enfraquecimento orgânico e de decadência da espécie, pois aquele modelo de escola não possuía “interesse único na educação geral saudável mocidade e no cumprimento da missão sagrada de entregar à pátria ci da dãos robustos e aptos para todos os mestres”. Ao contrário, o interesse único dos internatos residiria, segundo ele, no maior ou menor lucro que lhes poderia advir do ensino. Além deste aspecto, enumerava outros que também condenava como, por exemplo, o regime disciplinar que aprisionava as crianças, a alimentação quase sempre mal preparada, males coletiva, mal distribuída e “não raras vezes pouco asséada”, a ausência de vigilância nos dormitórios, o número excessivo de alunos e o longo tempo de estudo.

Ao concluir sua exortação contra os internatos, o Dr. Vasconcellos recorreu à Arnould²¹ que afirmava “o interno é de prazer a todos os respeitos”, sendo “nullo para a educação e torna-se ódiooso para os pensamentos.”²² O médico brasileiro reconhecia, contudo, a utilidade dos internatos para os meninos que não possuíssem família próxima instalado, ou quando o menino precisasse de “sujeição”. Nesses dois casos, considerados como exceção, mais do que em qualquer outro, os internatos deveriam ser organizados sob a égide da

higiene e presididos pelos seus cânones, de modo a evitar desgramentos, desencaminhamentos, entrega à vida agitada das paixões e abandono completo dos deveres de aluno.

Contra o modelo dos internatos, o professor da FMRJ defendia a adoção dos externatos como padrão que, na perspectiva adotada, deveriam ser localizados, construídos, organizados e mantidos sob todas as regras que a higiene e a pedagogia prescreviam, de modo a preencher “com plena mente a missão” a que se destinavam. Com isso, enumera as vantagens deste modelo:

Com efeito, terminada a tarefa escolar, o alumno regressa para a sua casa, onde, além dos cuidados da família, encontra liberdade de exercício, sem sujeitar-se a determinadas convenções disciplinares.

O exercício que elle faz quando se dirige para a escola, ou quando d'ahi sae, produz a mais benéfica influência sobre o organismo; o alumno deixa atmosfera sobre carregada de exhalações das salas do colégio e aspira, pelo menos durante um certo tempo (duas a quatro vezes por dia), ar mais puro e mais livre. (1888)

O externato permitiria às crianças uma espécie de liberdade, ao mesmo tempo em que as obrigaava a um exercício físico diário em virtude do deslocamento que teriam de realizar entre a casa e a escola. Este é, portanto, o modelo de escola apregoado pelo Dr. Vasconcellos, especialmente porque:

Desgraçadamente, raro não é o colégio entre nós que possue, já não dizemos bôas, regulares condições de hygiene. Em geral as salas

21. *Traité de Hygiène Publique et Privée*, p.1122.

22. Partilha da crítica formulada por Hippocrate em seu relatório (1871), aproximando-se, deste modo, do modelo que segundo o relator francês encontrava-se em voga nos EUA.

acaanhadas, malventiladas, mal iluminadas, sem aconveniente orientação, sem espaços suficiente para recreios, latrinas, etc.; além disso, um numero de alum nos hia acumulados, excedendo do dobro, do triplo e além da lotação máxima. (1888)

A defesa dos externatos encontra-se, portanto, ancorada no argumento de que a saída da criança do pré-dio escolar é positiva, visto que a arquitetura do mesmo era contra-indicada, pois não atendia aos costumes higiênico-sanitários²³ recomendados pelos médicos, sendo a saída das escolas considerada um procedimento que funcionaria como linha de fuga, possibilitando ao aluno uma vida mais saudável do ponto de vista físico e moral. Naten-ta-ti-va-de-ampliar-a-sus-ten-tação-de-seus-argumen-tos,-re-correu-a-um-levan-tamento-produ-zido-pelo-Delegado-de-Instrução-da-Freguesia-de-São-Cristóvão,-Sr.-Silva-Santos. Apoiado nesse levantamento, Dr. Vasconcellos conclui:

Agora, se considerarmos de um lado os grandes inconvenientes da aglomerção e de outro os que resultam da improriedade dos preídios, sobretudo de particulares, que são utilizados para tão exigente objectivo, baldos das principais condições que a hygiene contemporânea prescreve e capazes de serios riscos pela falta de regular distribuição da luz natural e da renovação methodica e completa do ar respirável que os alunos devem consumir durante muitas horas no decorso de 300 dias do anno, a imigração certamente não atinge de presente a enorme somma de prejuizos physicos e morais que em tais estabelecimentos se preparam ou se consumam em nome da caridade e do progresso. (1888)

É, pois, preocupado com a formação intelectual, moral e física da juventude masculina e feminina que esse médico apresenta um conjunto de medidas orientadoras da reforma profunda a que preтен-dia submeter os exter-natos,

voltados para toda a população, e os internatos (apesar dos que fossem comprovados menores necessários). Tais medidas possuíam como ponto de origem o cumprimento da hygiene²⁴, mãe extrema que deveria guiar o modo de conceber, estruturar, edificar e funcionar dos colégios, intervindo, dessa maneira, na formação da juventude, por conseguinte, na própria construção do futuro da Corte Imperial e da pátria brasileira. Posicionando-se contra a clausura dos internatos/seminários, esse médico posiciona-se, igualmente, contra a escola unidimensional, isto é, aquela preocupada fundamental e exclusivamente com a formação intelectual. Assim, combatendo uma forma escolar, combatia também um modelopedagógico.

Ao percorrer a questão do conceito de educação partilhado pelos médicos por intermédio de uma série documental constituída por teses de férias, na FMRJ, entre 1854 e 1888, foi possível acompanhar a manutenção do padrão discursivo e a existência de algumas tensões neste período. Do que foi possível perceber, para efeito de conclusão da análise do esforço dos médicos em produzir consenso em torno do corpo doutrinário da hygiene, destaca-se uma insistência e uma repetição presentes, seja nas teses que apresentam

23. O autor apresenta dados de um levantamento realizado em 15 colégios que atesta que os coeficientes de iluminação, ventilação e ar permanente comportariam apenas 1.145 alunos distribuídos em 618 para as escolas de meninas e 597 para os cursos de rapazes, de um total de 1.633 matriculados. Os dados funcionam para provar que o excesso de alunos é algo que deveria ser combatido em favor da boa higiene escolar.

24. Sobre o amplo arco de competências a ser recoberto pela hygiene, o Dr. Vasconcellos afirma: "Não há desconhecer-se que a hygiene escolar joga com todos os elementos da matéria da hygiene, quer individualmente, quer em coletividade; não se pôde, pois, exigir os preceitos de edificação, exposição, disposição, etc., estejam na dependência dos preceptores; não, pertence aos hygienistas estipular os, aos governos a sua determinação e aos engenheiros a sua execução." Este discurso, além de assinalar a amplitude do arco higienista, também hierarquiza e ordena posições. No princípio e no fim, a hygiene, na medida em que são os higienistas os formuladores e seriam, eles também, os fiscalizadores. Produtores e gerentes da ordem escolar, portanto.

tam um recorte mais específico pelo tema da educação física, seja nas de mas. Seja nas que procuram tematizar de modo mais enfático os “collegios”, seja naquelas cujas preocupações giravam em torno da preocupaçāo com a “formação da mocidade” carioca/fluminense. Insistência no poder da higiene. Repetição na compreensão da necessidade de se fazer uma intervenção higiênica que articulasse, cimentasse e desenvolvesse, simultaneamente, astrês dimensões do homem, reconhecidas e referidas pelo discurso da “mãe extrema”: a moral, a física e a intelectual. Insistindo e circulando em torno desses princípios, os médicos procuraram instituir uma tripla representação dos colégios, que se manifestava em forma de combate. Combate à escola exclusivamente do físico, à escola exclusivamente do intelecto e à escola exclusivamente volta da para a formação moral. Recusa, pois, à manutenção da escola-ginásio, da escola-cárcere²⁵ e da escola-igreja.²⁶

Na nova ordem pedagógica imaginada pela higiene, não mais caberia cultuar uma faculdade do homem de modo exclusivo e mutuamente excludente. Nesse sentido, os higienistas rechaçavam a crença de um programa de formação inspirado no absolutismo de qualquer um dos fragmentos humanos, construindo, então, a crença na trindade pedagógica, fundida sob o calor dos saberes da higiene. Na ordem médica-higiênica, era tempo de integrar as dimensões humanas que, tradicionalmente, até o século XIX, na Cor te Imp erial e no Brasil, vinham sendo concebidas e tratadas isoladamente. Era tempo de uma nova religiosidade, ancorada no saber-poder da ciência. Era tempo de instituir uma nova representação dos colégios, das polícias públicas voltadas para a educação, também, de novas práticas escolares. Era, enfim, chegado o tempo da trindade pedagógica e da utopia de intervir na formação de um homem novo. Novo porque bem constituído física, moral e intelectualmente. Novo porque inscrito em uma perspectiva do homem e da sociedade que buscava legitimar-se como

nova, em um tempo no qual se dirigiam ações rumo à modernização da sociedade, do trabalho, da economia e da escola. Era tempo de urbanização e de aburguesamento. Portanto, também era tempo de higienização.

Higienização escolar que, recobrindo diversos aspectos (circumfusa, ingestiva e aplicativa, dentre outros), desdobrava também na parilha de conceitos referentes à produção de um corpo educado, de culturas intelectuais higienizadas e do patrocínio e estímulo àquilo que os próprios médicos designam de “ginástica da vontade”, isto é, a definição da própria moral do homem, que deveria presidir as práticas escolares. No interior desse complexo e descontínuo arcabouço discursivo, a idéia de infância e de educação escolar são constituídos simultânea, solidária e mutuamente dependentes. Com isso, ao representar a infância como o “porvir do amanhã”, adicionando o argumento da religião-caridade, da prevenção, da economia, da eugenia ou mesmo do direito, tal esforço colabora para se construir a representação da escola higiênica-higienizada e higienizadora – como incubadora de um “amanhã” regido e controlado pela racionalidade promovida com uma ordem que produzia seus “engeitados” e “incliúdos”, tanto como enunciava dispositivos voltados mais para a redução dos efeitos das desigualdades existentes entre uns e outros do que propriamente para a erradicação de suas efetivas motivações.

Nesses termos, torna-se possível relativizar a reação “indignada” do Dr. Moncorvo

25. Valho-me dessa associação porque os médicos, ao criticarem a escola do immobilismo e dos longos tempos dedicados ao estudo, freqüentemente associavam essa modalidade de ensino àquela preocupada exclusivamente com o desenvolvimento intelectual dos alunos e, desta forma, para eles, constituíam-se em verdadeiras prisões para os jovens.

26. Hippéau (1871) trabalha com associações semelhantes ao combater os internatos que, segundo ele, eram uma “triste mistura de clausura e quartel”.

Filho (1922) a Gustave Le Bon que, segundo ele, “ignominiosamente”, “comigo rância deplorável” do Brasil, representou-nos como “um povo decadente e ‘trop libéral pour des races sans energie et sans volonté...’” Contra essa posição, recusando esse suposto traço natural do povo brasileiro, dirigindo-se à audiência das sessões de abertura do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, o médico brasileiro afirmava: “Senhores, pode ser que laboremos em erro. Estamos, porém, convencidos de que o nosso trabalho, no sentido de conseguirmos para o nosso Brasil o melhor porvir, deverá ser cuidar desveladamente, dessa

geração que amanhã bemdirá os nossos esforços, as nossas lutas e as nossas vitórias.” (1922, p.129). Assim, coloca na intervenção continuada junto às crianças toda a responsabilidade pelo futuro grandioso que idealizava e prometia, cujo alcance dependia de uma infância devidamente higienizada, mesmo que tal estratégia produzisse, legitimasse e terminasse por naturalizar as desigualdades da “geração do amanhã”, o que, de sua parte, colaborava para manter viva a representação do eugenista francês que deixava o médico brasileiro “tão indignado”.

Referências bibliográficas

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed.. Trad. de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ARMONDE, Amaro Ferreira das Neves. *Da educação physica, intellectuale e moral da mocidade no Rio de Janeiro, e de sua influência sobre a saúde*. Rio de Janeiro: Typ. do Apostolado, 1874.
- COSTA, Júrandir F. *Ordem médica e norma familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- COSTA, Maria J. F. F.; SHENA, De nil son R.; SCHIMDT, Maria A. (Orgs.) *1ª Conferência Nacional de Educação*. Brasília: MEC/INEP-IPARDES, 1997.
- COUTINHO, Candido Teixeira de Azevedo. *Esboço de uma hygiene nos dos collegios applicavel aos nossos: regras principaes tendentes á conservação da saúde e dezenas de menotos das forças physicas e intellectuaes, segundo as quais se deve remunerar os nossos colégios*. Rio de Janeiro: Typographia Universitária, 1857.
- DEPARTAMENTO DA CREANÇA NO BRASIL. I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 6º Boletim (1921-1922). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924.
- FERNANDES, Régio. Orientações pedagógicas das “Casas de Asilo da Infância Desvalida” (1834-1840). *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.109, p.89-114, mar. 2000.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. Trad. de Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GONÇALVES, Francisco de Paula Lázaro. *Que regimento será mais conveniente para a criação dos expostos da Santa Casa da Misericórdia, atentas as nossas circunstâncias especiais, criação em commun dentro do hospício, ou a privada em casas particulares?* Rio de Janeiro: Typographia Universitária, 1855.
- GONDRA, J. G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- _____. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- GUIMARÃES, Antenor A. R. *A hygiene nos dos collegios applicavel aos nossos: esboço das regras principaes tendentes à conservação das saúde e dezenas de menotos das forças physicas e intellectuaes, segundo as quais se deve gerir os nossos colégios*. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858.

HIPPEAU, C. *L'instruction publique aux États-Unis*: écoles publiques, colléges, universités, écoles spéciales. 2. ed. Paris: Didier, 1872.

KOSELLECK, R. *Le futur passe*: contributions à la sémantique des temps historiques. Traduit par Jochen Hock; Marie Claire Hock. Paris: Éditions de l'école des hautes études en sciences sociales, s. d.

KUHLMANN JR., Moyés. Education dans l'éducation brésilienne. In: LOPES, Eliane Marita T.; FARIA FILHO, Luizano M.; VEIGA, Cynthia G. *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LEITE, Miriam L. M. A infância no século XIX segundo o modelo europeu e os vícios de vida. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez/USF, 1997.

MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos excessos e a criança abandonada no Brasil (1726-1950). In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez/USF, 1997.

_____. *Histórias sociais da criança abandonada*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

SPENCER, Herbert. *Da educação intelectual, moral e física*. Lisboa: Editora Literaria Fluminense, 1886.

PRIORI, Mary del (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

VASCONCELLOS, Carlos Rodrigues. *Hygiene Escolar*: suas aplicações à Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1888.

Recebido em 31.08.00

Aprovado em 07.11.00

José G. Gonçalves é professor adjunto na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), coordenador da área de História da Educação e Doutor em Educação pela USP, na área de História da Educação e história da mídia.

A sementeira do porvir : higiene e infância no século XIX

José G. Gonçalves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo apresenta uma análise reflexiva sobre a construção da ideia de infância no Brasil. Relembra, científica, progresso, individualização, modernização e ciência são alguns dos temas que têm participado da configuração e construção desse conceito no contexto brasileiro.

Discussões sobre infância, expressivo no século XIX, que incide na combinatoria entre rege e civilizar. Esta fórmula, cuja legitimidade foi forjada no interior da ordem médica, determinou que o trabalho visasse a fiscalizar a família de medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), um dos lugares em que o tema da infância esteve presente regularmente ao longo do século XIX.

Com a perspectiva de analisar as representações que se estabeleceram na infância foram produzidas, trabalhou-se com parte da produção da FMRJ, sobre tudo com as teses de final de curso para a obtenção do título de doutor. Além disso, fez-se discussões precisas nas atas do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância e no conjunto das teses do I Conferência Nacional de Educação, na tentativa de indicar a permanência da infância na ordem do discurso médico, a ênfase na necessidade de sua higienização e certos deslocamentos das representações.

Palavras-chave

História da educação – Infância – Higiene – Educação escolar.

Correspondência para:

José G. Gonçalves

**Rua Zamenhof, 46 – apto.202
20240-070 Rio de Janeiro – RJ**

e-mail:

gondra@domain.com.br

Sowing the future : hygiene and childhood in the 19th century

José G. Gon dra

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Abstract

This paper presents a reflection and analysis of the construction of the idea of childhood in Brazil. Religion, science, progress, industry, commerce and civilization are some of the signs that have been part of the shaping and construction of this concept within the Brazilian context.

In face of the complexity of the issue, and of the proliferation of discourses about childhood, only one of them is examined here, a considerably influential discourse in the 19th century that rests upon an alliance between regenerating and civilizing. That formula, whose legitimacy was built inside the medical profession, determined that this work should focus the Medical School of Rio de Janeiro (FMRJ), one of the places where the issue of childhood was present throughout the 19th century.

With a view to analyze the representations made about childhood, part of the academic production of the Medical School of Rio de Janeiro was examined, specially the doctoral theses. Apart from that, judicious use was made of the proceedings of the First Brazilian Congress on the Protection of Childhood, and of the ensemble of theses from the First National Conference on Education, in an attempt to indicate the continuity of childhood as a theme in the medical discourse, the emphasis on the need of its hygiene, and certain displacements of representations.

Keywords

History of education – Childhood – Hygiene – School education.

Correspondence:

José G. Gon dra

Rua Zamenhof, 46 – apto.202

20240-070 Rio de Janeiro-RJ

e-mail:

gondra@domain.com.br

O ho mem bra si le i ro nada tem de in fe ri or ao de ou tras ter ras, ao con tra rio, em mu i tas co i sas lhe é su pe ri or; o que lhe fal ta é ins truc ção, edu ca ção hygi e ni ca, pro tec ção sa ni ta ria des de o ven tre ma ter no.

Dr. Gou ve ia, 1922

O so nho de um mun do me lhore a ne ces - sidade de organiza-lo constituem-se em um discurso recorrente ao longo da história da Humanidade. Atingir tal finalida de vem sendo associada, de diferentes modos e, por vezes, combinadamente, ao apego à religião, à ciên - cia, ao progresso, à indústria, à civilização e também à concepção e ao tratamento que se dis pen sam à in fânc ia, por exem plo. Nes se tra - balho, tra to desse úl timo aspecto, pro curan do re fle tir acer ca da pró pria pro du ção da idéia da infânc ia no Brasil, das estratégi as imaginadas para co lo cá -la na agen da das pre o cu pa ções dos ho mens e das me di das pen sa das para bem con - formá -la.¹ Nes sa di re ção, exa mi nei um dos lu - gares em que o tema da infânc ia comparecia re gu lar men te ao lon go do sé cu lo XIX, de modo a ana li sar qua is as re pre sen ta ções que aí fo ram produzidas. Assim sendo, trabalhei com parte da pro du ção da Fa cul da de de Me di ci na do Rio de Ja ne i ro (FMRJ), so bre tu do com as te ses de - fendidas pelos alunos ao final do curso, de modo a ob ter o tí tu lo de Dou tor. Em uma ten - ta ti va de in di car a per ma nê ncia da in fânc ia na or dem do dis curso mé di co, a ên fa se na ne cessi - da de de sua higie ni za ção e des lo ca men tos das repre sentações sobre essa questão, fiz incursões pre ci sas nas atas do 1 Con gres so Bra si le i ro de Pro tec ção á In fânc ia² e no con jun to das te - ses da 1 Con fer ê ncia Na cional de Edu ca ção.³

Um primeiro aspecto observado nesse es - tu do re fe re -se à su bor di na ção da in fânc ia a uma das áreas do curso médica: a de higiene. Nesse caso, a higiene é representada como ciên - cia-matriz, apon tan do para uma hi e rar quia a ser se gui da no in te ri or da or dem mé di ca, assim como em seu ex te ri or. Hi e rar qui za ção que su põe a hi - giene como dis curso ma tri ci al, o que fica evi - den ciado em um conjunto de teses sustentadas na

FMRJ ao lon go do sé cu lo XIX. Dr. Cou ti nho, em 1857, ao in tro du zir o pon to de sua tese em que tra ta da ques tão es co lar, enal te ce a hi gie ne, cri - a da, se gun do ele, pela Hu ma ni da de em sua luta con tí nua con tra a des trui ção. Para esse mé di co, desde os tempos re mo tos até os nos sos dias, a conserva ção e o aperfeiçoamento da espécie humana eram considerados uma necessidade indis pensá vel, seja nos “esplendores da civilisa - ção ac tu al, nos de ser tos da Ara bia, no cen tro da Grecia bellico sa, seja no tempo das grandezas da Roma an ti ga”. Embo ra uma se re ves tis se do es pírito religioso, ou trase os tentasse no pa triotis mo es partano e outra tomasse a forma de princípio humanitário, era sempre “a hygiene dictando os preceitos para a conserva ção e o aperfeiçoamento das forças humanas”, inde - pen den te men te do es paço, do tem po e do prin - cípio orga niza dor das culturas.⁴ Ao re fe ri r -se ao

1. Esse trabalho tem origem em minha tese de doutoramento, intitulada *Artes de Civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial*.

2. Ocorrido no Rio de Janeiro, entre os dias 27 de agosto e 5 de setembro de 1922, organizado pelo Departamento da Creança no Brasil, contou com a inscrição de 2632 participantes, entre médicos, parlamentares, professores, representantes da delegações oficiais e de instituições públicas e privadas, advogados, religiosos, fazendeiros, comerciantes e engenheiros, dentre outros. Esse evento foi organizado em torno de cinco seções: 1- Sociologia e Legislação; 2- Assistência, 3- Pedagogia, 4- Medicina Infantil e 5- Higiene.

3. Evento organizado pela Associação Brasileira de Educação, com apoio do governo do Estado do Paraná, ocorrido em Curitiba, tendo sido aberto em 19 de dezembro de 1927. A I Conferência Nacional de Educação foi estruturada em torno de 5 comissões: duas do Ensino Primário, 1 do Ensino Secundário, 1 de Educação Higiênica e 1 do Ensino Superior. No total foram apresentadas 128 teses, distribuídas pelas comissões. No entanto, só foi possível recuperar 112 das teses e 14 pareceres referentes às não localizadas, sendo que em relação a duas, não foi possível localizar nem a própria tese, nem seu parecer (cf, INEP, 1997).

4. Aqui encontra -se presente o aspecto do uso “pedagógico” do passado para justificar o papel de saber - mestre que deveria ser atribuído à higiene. Deste modo, parece haver uma compreensão de história tal qual enunciada por Spencer (1886), isto é, só tem valor fazer e conhecer a história se ela tiver um uso prá tico, se puder funcionar como um guia para ação: “O que nos importa conhecer é a história natural da sociedade. Precisamos saber toda a ordem de factos que nos podem ajudar a compreender como se engrandeceu e se organizou uma nação” (p.53). Com isso, menos vale a distinção das sociedades trazidas como exemplo do que a incorporação por parte das mesmas de prá ticas higiênicas, causa do vigor dos homens e das sociedades. A respeito da concepção da história *magister vitae*, cf. Koselleck, s/d.

seu tempo, o médico fez questão de reafirmar o valor desse conhecimento:

O seu tempo XIX deve dar a higiene o lugar que ella ocupa entre as ciências, os progressos da química, da física, da fisiologia, as observações meteorológicas prestão-lhe o contingente de suas leis, que se convertem em princípio da higiene evitando e atenuando a ação dos agentes externos, e corrigindo a sua influência sobre as funcções do organismo. Os Srs. Long, Ross, Tarde, Levy e outros são os representantes da higiene actual, a qual se ainda não chegou ao seu maior grau de perfeição, mas já com tudo uma progressão ilanternas científicas que ensina a conservar o organismo em seu perfeito estado funcional. (1857)

Evitar, atenuar, corrigir e conservar são constituídos em ações diretamente vinculadas à Higiene, reabrindo-a de uma perspectiva antecipatória, previdente e preventiva. Marquesque, de sua parte, também produzem uma espécie de religiosidade com que essa ciência se faz representar. Marquesque procuram deslocar a ênfase na cura para a ênfase na prevenção, processo cujo sentido também é assinalado pelo Dr. Coutinho:

A higiene com seus progressos tem sido de influência incontestavelmente benéfica, a humanidade tem ganho por toda a parte, em que sua ação se faz sentir, como se provava o aumento da vida média, e o desaparecimento de enfermidades endêmicas em certas localidades, mas talvez que não seja possível afirmá-la humana obstar o aparecimento de epidemias que calam tanto Oriente quanto Europa, apesar das melhoriações do Ocidente, zombando das condições de locais da África, de China, de Estatônia e de Ásia, como vímos no Chile e na Argentina, cuja marcha deslizante se estendeu dia após dia, galgava as colinas, e não respeitava nem condição social, nem sexo, nem idade. (1857)

Ao reconhecer e divulgar as contribuições da higiene, no sentido de aperfeiçoar e fazer progredir a Humanidade, esse médico vai construindo um argumento que procura produzir a legitimação do discurso higiênico, em cujo interior a infância e sua educação deveriam ser abrigadas. Coerente com esse raciocínio, invoca exemplos de boas práticas higiênicas. Segundo ele, a Europa, especialmente a França e a Alemanha, "não podiam ser indiferentes à higiene das primeiras idades".⁵ Nesses países, por exemplo, considerados como cultos, "é a infância cerca da de cuidados e só a desampa para quando adulta se confunde na massa com a multidão". Lembra, ainda, os auspícios recebidos pelas mães pobres mais próximas da realidade ao produto da concepção, existindo ténicas de creches que recebiam os meninos durante o período em que seus parentes se ocupavam nos trabalhos domésticos, as casas de exposição, as leis severas contra o infanticídio, as diferentes instituições caridosas voltadas para a infância, para os surdos-mudos e os cegos, que recebiam apoio e proteção dos homens de coração (sem o que, tantas vidas se consumiriam inúteis a si e à sociedade), e, de modo, a preparação em formar os professores que cursavam aulas especiais. De acordo com Dr. Coutinho, tudo isto se observava e se praticava na Europa.⁶ Ao se referir ao critério que indicava a qualidade dos estabelecimentos escolares, afirma que o crédito obtido pelos colégios, na França, dependia do

5. Sobre a variação no conceito de infância, cf. Kuhlmann Jr., 2000, Leite, 1997, Marçilio, 1997 e 1998 e Priori, 1999. Nesse caso, também vale lembrar o clássico estudo de Ariès, 1981.

6. Teses médicas sustentadas em Paris e Montpellier permitem problematizar uma representação muito recorrente no Brasil oitocentista; a de que os problemas de higiene no chamado mundo civilizado já se encontravam solucionados no século XIX. Nessa lista de teses é possível perceber que o tema da higiene, de forma mais ampla, e o da higiene escolar, mais particularmente, ainda se constituíram em objeto de estudo dos médicos franceses, indicando, assim, que, pelo menos, uma fração da intelectualidade médica francesa não dava como resolvidos os problemas de higiene com os quais se deparava.

número de alunos premiados nos exames gerais, os quais eram feitos em colégios e isentos do charlatanismo tão frequentemente nos sos colégios, finalizando em tom de denúncia.

Higienizar os excluídos

Após a apresentação dos modos de uma educação higiênica, Dr. Coutinho (1857) apresentava uma proposta para os colégios da Corte, que demonstrava tão bem o necessário, partindo do princípio de que não era somente a educação científica que mereceria cuidado, já que a educação física era conveniente mente dirigida, na França e no resto da Europa, e a ginástica e as belas artes faziam parte importante da educação, desenvolvendo o corpo e corrigindo as naturezas ásperas. Com isto, o sentido menor do belo, do justo e do honesto era incompatível com a moralidade dos diferentes sistemas de ensino. Aqui, segundo ele, ao contrário, não poderia “deixar de mencionar o factor repugnante, e que se reproduz quase quotidiano na mente no Rio de Janeiro; – falamos do aparecimento de notícias que dão as folhas públicas de recém-nascidos espertos nas praças e praias da cidade”, lamentando ainda “a completa indiferença que existe a esse respeito que, segundo a expressão de um muito ilustrado Lenete da Escócia, parece que o infantídio é um crime tão fora da índole de nosso povo que as autoridades policiais se permitem que estas exposições tem sempre por causa a miseria dos parentes, que impossibilitados de enterrar os filhos, os lançam à caridade pública, e nunca se houve um crime a fim de levarem os criados aos tribunais competentes.”⁷

Dois anos antes, a tese do Dr. Gonçalves (1855) explorava o tema dos enjeitados, e, a par das duas doutrinas opostas sobre este tema, não oscila em associar-se àquele que conjuga o espírito crítico como o espírito da ciência médica. Neste sentido, este médico rejeita a posição que, segundo ele, era sustentada pelo Sr. Duchatel e por Lord Brougham, a qual não

previa qualquer assistência aos enjeitados já que, nessa linha de raciocínio, esta medida faria a população crescer sem limite e, como consequência, a própria miséria. Em posição diametralmente oposta, apóia-se em Isaías e São Mateus para afirmar que os verdadeiros católicos, tendo por norma os dois preceitos

7. O tema do infanticídio é tratado em um significativo número de teses apresentadas à FMRJ ao longo do século XIX. Este tema preocupava, sobretudo, pelo elevado índice de mortalidade infantil provocado por um conjunto de práticas, dentre as quais a Revista do IHGB (tomo 89, nº 143) destaca a ação das parteiras e do comércio de leite: “Cruz preta no portal de uma casa, indicava, nos tempos antigos, a residência de parteira. Disseminadas aqui e ali, pelos becos e vilas do Rio de Janeiro, não tinham mãos a medir. Sem leis coercitivas exerciam com plena liberdade os difíceis encargos da profissão. Depositárias de vários segredos, conhecedoras de muitas vergonhas e escândalos, gozavam de grande respeito e dispunham de grandes amizades. Dividiam-se em duas classes: a primeira, a mais numerosa, compreendia as simples curiosas, aparadeiras, vulgarmente conhecidas pelo nome de comadres. Da segunda faziam parte as que tinham carta de aprovação. O exame era prestado perante os comissários do proto-medicato, e em tempos posteriores na presença do cirurgião-mór ou de seus delegados. No número destas últimas havia também escravas. É bem de ver que os proventos da profissão iam encher as algibeiras do feliz senhor, que tinha a felicidade de contar entre seus captivos uma mulata ou negra ladina, entendida em parto. Nos arquivos de nossa Municipalidade devem existir ainda os registros dessas curiosas cartas de aprovação. Ainda depois da Independência custavam elas: de feitiços três mil e duzentos, de assignatura mil e duzentos, e de impressão seis mil e quatrocentos réis. As curiosas por serem mais baratas, eram em geral encarregadas de levar à roda os recém-nascidos escravos, cujos senhores não queriam ter os incommodes da criação. Prestados os socorros à parturiente, voltava à noite a aparadeira e, mediante modica retribuição, recebia o fardo arrancado às carícias da pobre mãe e o ia depositar na portinhola da Casa dos Expostos. Envoltas na clássica mantilha, não eram poucos os sustos que sofriam: evitar as vistas dos transeuntes e as indagações dos quadrilheiros da polícia do Vidigal famoso. Passados os dias de resguardo, constituía-se a parturiente captiva, lucrativa fonte de renda. O escravocrata logo a anunciava como perfeita ama de leite, sadia, muito carinhosa, que não era dada as bebidas, nem fujona. E a ganância chegava a tal ponto que com o leite de um só parto houve escravas que faziam a criação sucessivamente de duas e três crianças” (1924, p.413-414). A transformação desse tema em objeto de estudo dos médicos confirma a denúncia presente no discurso do Dr. Coutinho, em 1857. É possível pensar que a defesa do aleitamento materno defendido pelos médicos seria também uma estratégia para combater o comércio mercenário do leite e a exploração gananciosa que os senhores faziam de suas escravas, seja na qualidade de parteira, seja na de ama e, com isso, também constituíam a moda e o luxo feminino em práticas a serem erradicadas. Pode-se, ainda, associar ao tema do infanticídio as teses que tratam do aborto, gravidez, parto e do funcionamento das Casas dos Expostos. Um exemplo de tese que trata deste último ponto é a de Gonçalves (1855).

da religião, de amar a Deus e ao próximo, não poderiam admitir o abandono dos “engeitados”, sustentando que:

Para nós a criança, quer seja filha de união legítima, quer de uniões que a lei proíbe, tem igual direito ao interesse da sociedade; já nossas leis sabiamente dispostas, reconhecem este princípio outrora desprezado, em tempos de ignorância e barbarismo; sua beneficência não pode achar infeliz quem modifica a opinião pública que quase influi na sua infância; é pois bem triste que essa que não pôde resistir à linguagem dos sentidos, e da sedução, seja a única vítima da censura, e do desprezo da opinião pública, ao passo que seu próprio sedutor passa impune por seus crimes, zombando muitas vezes da miséria a que levou a infeliz. (1855)

Ao representar a mulher como vítima dos “se ditores”, ajuda a consagrá-la como objeto e não como responsável pela gravidez, caricaturizando que, por sua vez, justificaria o “perdão” e a proteção da mulher e da criança sob o manto da religião e da medicina, insatisfeitas com os índices de mortalidade infantil, sobretudo junto à população pobre. É com base nestas posições que ele sustenta a necessidade de criação dos “hospícios dos engeitados”, alegando que seria mais vantajoso socorrer os meninos pobres reunidos em uma casa comum, a qual garantiria a moralidade das crianças e das mães, bem como a proteção das últimas. Em seguida, Dr. Gonçalves acrescentava que, ao se admitirem os “hospícios”, estariam sendo salvas as vidas de “muitos infelizes” que, caso contrário, poderiam ser objeto de aborto, de infanticídio ou de uma exposição inevitável. No entanto, a casa dos expostos deve ser organizada segundo os preceitos da higiene, sob pena de se ver mantido o alarmante índice de mortalidade, o qual, de acordo com a estatística deste médico, atingia 82% na Casa dos Expostos do Rio de Janeiro. Uma exceção na li-

da de, com parada com o que ocorria em casas semelhantes e outras do Brasil e do exterior, como ele apresenta no mapa reproduzido no Quadro 1.

Ao apresentar esta tabela, Dr. Gonçalves destaca o elevado índice de mortalidade do Rio de Janeiro, após o que procurava apontar as causas que, segundo ele, mais poderosamente concorriam para a grande “destruição de infelizes abandonados por seus pais, que, procurando no hospital a proteção, e amparo de sua vida”, só encontravam “um caminho mais curto para a sepultura”. Isto ocorria em virtude de todo da Casa dos Expostos do Rio de Janeiro: poucas acomodações para o número de crianças recebidas, falta de vigilância necessária, surtos epidêmicos de oftalmias, desinterias, tubérculos mesentéricos, sarampões e bexigas, contato entre os doentes, aleitamento coletivo, desprezo às regras de asseio e falta de equipamentos necessários à realização de algumas atividades clínicas.⁸

Adiciona, como causa, a própria ideia: por ser a criança mais frágil, mais facilmente sucumbia às doenças e morria, além disso o próprio estudo com que as crianças eram lançadas na “roda” (vindas de muito longe, sofrendo privações de toda a sorte, abalos consideráveis, expostas ao frio durante ou ao calor do dia, por vezes depois de demoradas horas nas portas das igrejas ou nas escadas dos edifícios, ou então já quase a morrer) e, finalmente, a queda das amas. Tudo isto, combinado, explicava o elevado índice de mortalidade infantil. Ao traçar o mapa das causas, torna-se possível perceber as prescri-

8. Sobre a continuidade das Casas dos Expostos até meados do século XX, no Brasil, cf. Marciilio, 1997. Segundo essa autora, as Casas dos Expostos do Brasil foram as últimas do gênero existentes em todo o mundo ocidental. O fim dessas organizações coincidiu com o aparecimento de outras organizações voltadas para a infância. Sobre as Casas de Asilo em Portugal, cf. Fernandes, 2000, e sobre as creches e outras medidas de proteção e cuidado da infância no Brasil, cf. Kuhlmann Jr., 2000.

Quadro 1. Mapa da Morte nas Casas dos Expostos

	Anos	Existiam	Entraram	Total	Faleceram	Mortalidade
Rio de Janeiro	1852-53	70	560	630	515	82%
	1853-54	53	552	605	462	76%
	1854-55	76	528	604	275	45%
Campos	1853-54	224	65	289	33	12%
Porto Alegre	1853-54	186	72	258	45	14%
Bahia	1853-54	74	75	149	40	27%
Pernambuco	1853-54	274	119	393	79	21%
Portugal	1851-52	33.010	14.957	47.967	9.468	19%
	1852-53	33.832	15.358	49.190	9.899	20%
Lisboa	1853-54	—	—	1.843	347	19%
Coimbra	1853	833	470	1.303	152	11%
	1854	962	600	1.562	181	12%
Madeira	1853	978	212	1.190	125	10%
França	1845	96.788	25.239	122.027	12.592	11%
Paris	1852	14.039	3.303	17.342	2.006	11,5%
Madri	1854	4.957	1.860	6.817	1.596	23,5%

ções extraídas do guia da higiene no que diz respeito à manutenção da infância pobre e abandonada. Guia da higiene que, como o próprio Dr. Gonçalves afirma, encontrava-se em profusão com os preceitos da fé cristã. Guia, portanto, da razão e da fé, que pouco discute as causas da pobreza, mas sim os procedimentos a serem adotados para cuidar dos deserdados, dos infelizes, dos enjeitados. Neste sentido, trata-se de uma representação em torno da pobreza que entra naquilo que identifica como práticas da barbárie (abandono dos enjeitados), naturalizando, contudo, a própria pobreza.

No “1º Congresso de Proteção à Infância” (1922), esse tema manteve-se presente, ampliando-se, contudo, o leque dos argumentos em favor da higienização da infância. Uma flexão, observável nesse momento, articula os argumentos médicos-religiosos ao econômico. Com

esse deslocamento, o cuidado com a infância passa a ser representado como investimento, tendo em vista gerar/produzir sujeitos que pudessem ser integrados produtivamente ao mundo do trabalho. Nesse momento, a proteção à infância encontrava outro motor.

A dirigir-se aos presentes na sessão de abertura desse evento, Dr. Fernando Magalhães⁹ recolocava a preocupação em torno da infância, trazendo para o debate o aspecto econômico dessa questão. Para ele, o aproveitamento e a vigoramento da criança representavam a economia, o acréscimo das forças vivas da nação e da vida. E indignava ao seu auditório: “De que valeram as crianças para trazer ao Brasil imigrantes quando deixamos

9. Membro da Comissão Executiva desse evento, médico da FMRJ, diretor da “Pro Matre”. Esse discurso foi pronunciado em nome dos delegados oficiais dos Estados do Brasil.

emigrarem para a eternidade as creancinhas por falta de cuidados?"¹⁰ Em se guida, comenta e posiciona-se: "O problema da criação dos meninos deixou de ser uma questão de ordem puramente familiar para abranger múltiplos interesses de ordem social." Nessa linha, ele afirma: "Uma criança que se perde, material ou moralmente, não significa sómente umasaudade para a família, uma vergonha para os pais; é, mais do isto, uma forma que se perde para a sociedade" (1924, p.132). Nessess termos, a infância é mantida em descurso, instalando-a na condição de "máximo problema social", mantendo-se igualmente a fórmula articulada em nome da higiene de modo a resolvê-la, a qual encontra-se inscrita e expressa na gramática do guiar, ajudar, corrigir e substituir.

Para Dr. Magalhães (op. cit.), diferentes instituições deveriam conjugar tal gramática. Segundo ele:

Nolar, na escola, nas oficinas diversas, a criança não perde só mente á família, não cabe a esta cuidar de que ella viva, cresça, se desenvolva, se aperfeioe; á sociedade, aos governos cabe verificar, fiscalizar, assistir, defender nomeno os seus próprios interesses, impedindo que elle seja mal ou insuficientemente nutrido, que se lhe exijam trabalhos intellectuaes ou physicos incompatíveis com as suas forças ou com a sua edade, que se lhe negue o pão do espírito ou se lhes crescem flôres da virtude e do coração, que se veja elle exposto ao contagio das moléstias e dos vísceros. (1924, p.133)¹¹

Combinando e conjugando esforços, obter-se-ia uma infância protegida, higienizada. Em consequência, obter-se-ia a própria defesa da sociedade¹², pois para o professor da FMRJ:

Surpresas admiraveissão com metidas por criminosos profissionaes, rebeldes a todas as junções das leis e da moral, insensitiveis á vergonha d'apena, preguiçosos e debochados, cynicos e cupidos, vivendo fóra da sociedade e á

sua cesta, por que sua infância foi mal ou não foi absoluamente protegida. Por outro lado a sociedade arrasta consigo um enorme peso morto de individualidades inutileis, porque crianças não foram adaptadas á collectividade. Quando recolhemos um pequeno ser atirado sózinho na tumultuosa maré das folhas sociais, viciadas de paes indiginos ou de tiras profundas, não é elle que nós protegemos, são as pessoas honestas que defendem; quando tentamos chamar ou fazer voltar á saúde physica ou moral seres decadentes e fracos, ameaçados pela contaminação do crime, é a própria sociedade que defendemos contra aggressões, das quais para ella mesma, o abandono das crianças constitue uma ameaça ou um presságio. (1924, p.133)

A manutenção da infância em discurso ocorre, portanto, com a agregação de novos elementos. Ao lado da economia, a defesa da sociedade, mais do que a defesa das individualidades das crianças, é eleita como razão para a proteção da infância. Ameaça ou presságio adjetivam os excluídos, aspectos que fundamentalmente intervenção do Estado, qualificando o problema da infância ora como questão do Estado, ora como "máximo problema social". Ao admitir que a defesa da infância implicava a defesa da sociedade, Dr. Magalhães propõe que tal questão também pudesse ser percebida na órbita do "direito penal", redimensionando mais uma vez o problema. Antes de finalizar seu discurso na abertura do referido evento, esse médico recorda uma afirmação comumente ouvida: a de que "já não temos homens" e de que tudo se encontrava diminuído, degenerado e desmoralizado, em virtude do que exclamava:

10. De acordo com observação da ata, essa indagação foi objeto de "Applausos".

11. Trecho objeto de "Muitos aplausos", de acordo com as atas do Congresso.

12. Uma reflexão instigante acerca dos procedimentos adotados em defesa da sociedade encontra-se em Foucault, 1999.

"somos um país de perdidos!". Ele, então, dirige-se ao público: "Achaes assim? Julgaes des te modo? De quem a cul pa? O que fa ze mos por prophylaxia? Não re agire mos? Deixa remos que a infecção se generalize no organismo social?" Ao comentar o questionário que apresentara ao público, ele assegura que se não "temos homens foi porque não foram bem aproveitados e dirigidos os meninos de hon tem.", re-indagando seus ouvintes (e futuros leitores): "Como cruzar os braços e não agir no sentido de formar homens?"

Ao deba teressa última in terro ga ção, procura con ven cêr e en volver seu au di tório na luta em fa vor das idéias de fendi das e do progra ma proposto, reafirmando a tese da criança como "sementeira do porvir", razão que o levava a conclamar todos a se aplicarem, com afínco, paixão e carinho, ao tra balho me ri tório de for mar em cada criança um homem digno de amanhã.

Na 1 Conferência Nacional de Educação (1927) a in fância per ma ne ce em dis curso, o que pode ser evi den ciado na quan ti da de de te ses em que esse tema é tra ta do, cen tral ou la te ral men te. Dr. Be lisario Pen na, presiden te da Co missão de Educação Higiênica desse evento, em sua tese, analisa a ne cessida de da edu ca ção higiênica. Apoi an do-se em um "no tá vele u ge nista" espanhol¹³, chega a afirmar que "o problema hu ma no é um pro ble ma de higiene, resolvi do o qual, despa re ce rão as ca usas da mi séria hu ma na" (p.32). No caso do Bra sil, o pro ble ma de higiene, para o Dr. Pen na, atin gia mais de 90% da po pula ção que "não sa bem ou não têm su fi ci entemente educadas a intel igê ncia e a vontade para defender e mel horar incessantemente a própria vida". Sendo assim, continua, era evi den te que não con tri bu íam para a de fe sa e mel horamen to da vida da fa mília, da so cie da de e da es pé cie. Ao con trá rio, afir ma, o con curso de in dolentes, de depositários e propagadores de doenças e taras patológicas é o de contínu a e progressiva degeneração da família, da socie dade e da espécie.

Não bas tas se esse qua dro, o mes mo en contrava-se agravado pois, segundo Dr. Penna, dos pou cos bra si le iros que sa bem de fender e mel horar a pró pria vida, in signi fi can te fração pre ocupava-se com a defesa e mel horamento da socie dade, contando-se pe los dedos os que cogitavam o aperfeiço amento da espécie. Aqui, Dr. Penna deixa pistas para se com pre ender uma nova interven ção jun to à in fância. Lado a lado com o ar gu men to eco nô mico (mel horar a socie dade) e o ju ri di co (a de fe sa da so cie da de), esse mé di co aco pla a ra zão eu gê ni ca (aper fei ção da es pécie), ad vertindo que depende do poder e vontade do homem "apurar as qualidades, corrigir ou el iminar os defeitos", superan do -se "no pro du to, ser vin do -se no jar dim do matrimônio com a vontade firme de criar fi lhos e que es tes sejam me lho res do que os que o ge ra ram" (1997, p.33). A in ob ser vân cia dos "deveres" sociais, morais e raciais con duziria ao se guin te qua dro:

A in ob ser vân cia des ses de ve res é que acar re ta ma les pro fun dos e gra ves pe ri gos para os po vos que os es que cem ou des pre zam. São eles: a indolê ncia, a do en ça. O des ca so pela hi gi e ne físi ca, men tale moral, as in toxica ções eu for ísti cas volun tár ias, o suici dí o, os aten ta dos con tra os bens e dire i tos do pró xi mo, o ho mi cí dio, o ego ísmo, a fal sa con cep ção do ca sa men to, a de gen era ção da raça, o luxo, a con cupis cê ncia, a prosti tui ção, o jogo, a imor al i da de, o la tro cí nio, a mort al i da de in fan til, a irrelig i os i da de, o an ti pa tri o tis mo, a corrup ção, o su bor no, a ti ra nia, o pa vor à li ber da de e à ver da de e o pre domínio da força so bre a jus ti ça e o di re i to. (1997, p.32)

No amplio rol dos efeitos da não obe diê ncia aos pre ce i tos da hi gi e ne e da eu genia, o mé di co pre nun cia um qua dro de so la dor de

13. Qualificação atribuída pelo brasileiro a Luis Huerta.

modo a aglutinar todos em torno do projeto em que acordava e com o qual encantava-se com prometido, individual e corporativamente, poisonando o que o que enunciava está aí para aí, pelo ordem do discurso da qual faz parte, isto é, esse tipo de enunciação encontrava credenciado pela ordem médica. Nesse extenso conjunto, evidencia-se igualmente uma complexa combinação das razões para higienizar. No discurso do Dr. Penha, incidem os argumentos religiosos, higiênicos, econômicos, jurídicos e eugênicos, convergindo todos para uma finalidade a ser modelada exemplarmente. Nessa tarefa, agências distintas deveriam cumprir diferentes fases específicas: consorciadas: a casa, o asilo e a escola. Agências já referidas ao longo do século XIX. No entanto, o centro desse trabalho foi constituído em torno da reflexão acerca da relação entre o discurso da higiene, infância e educação escolar.

No que se refere aos colégios, destino de uma infância mais afortunada, Dr. Coutinho (1857), para alterar o quadro de insensibilidade e impunitude que percebia, exortava a autoridades para que se promovesse à adoção dos preceitos higiênicos, pois os cuidados que se deviam prestar à infância eram “quasi desconhecidos entre nós; no que é relativo à educação, à higiene ainda não preservou o seu apoio, e seus preceitos ou são ignorados, ou desprezados em nossos colégios.” O tom, marca da mente de dennúncia, parece acentuar-se quando se dirige a uma suposta retórica, existente à época, que pregava a cidadania dos higiênicos ao mesmo tempo em que não criava condições para que os mesmos fossem efetivados: “Em nosso paiz, em que o charlatanismo e a especulação tem tomado proporções gigantescas.” Com referência ao charlatanismo, afirmava: “a educação não foi esquecida pelos fribulhetários que abundam no paiz; engendrou-se o programa collegial com todo o cortejo de promessas nunca realizadas.” Com relação à especulação, denunciava: “atraíam-se a concorrência de alunos com pomposos anúncios, as ciências, a

literatura, e as belas-artes são garantidas à mocidade: prometem tudo e nada cumprim.” Aqui, também, é possível perceber, no reconhecimento daquilo que não se realizava, a presença do debate acerca da higiene nos colégios, embora, segundo Dr. Coutinho, o que se verificava era uma discrepância entre as propostas higiênicas e os atos efetivos.

Do ponto de vista dos atos, ao finalizar sua pregação em favor da higiene, ciência agregadora dos aspectos físicos, intelectuais e morais da educação escolar, insistiu no tom de denúncia ao se referir à perplexidade dos pais no momento de enviar seus filhos aos colégios, fosse pelo caráter espécie cultivo e perigoso das casas de educação, fosse pela qualidade dos diretores e professores escolares, bem como a de seus professores:

Aquelles que não ignoram o estudo de nossos colégios ficam perplexos quando tem de enviarem seus filhos à instrução secundária; e com razão, porque exceptuando poucos dignos colégios que conservam os outros não são mais do que casas de espécie cultura imoral e perigosa.

Os excessos publicados que foram obrigados os diretores e professores mostraram a sua ignorância, e não é para admirar que muitos candidatos não conseguem com os excessos actuais esse matricularem nas academias do Império; isto em relação à instrução literária. A educação moral e religiosa é desgraçadamente nulla; a incredulidade vai-se generalizando em nossa sociedade com todas as suas consequências fatais; o desenimo pernamentar nos corações jovens, cria raízes permanentes, e é o caminho seguro para o scepticismo que mata a crença, que braços que unem os individuos entre si, desvirtua as forças da inteligência e aniquila as tendências humanitárias. (1857)

De posse dos modelos bem sucedidos no exemplo dos preceitos higiênicos, Dr. Coutinho classificava o que via no Rio de Janeiro

como algo a ser superado pela obediência à doutrina da higiene moderno, isto é, ao saber médico, cujo raio de ação procurava atingir o ser humano nas suas dimensões física, moral e intelectual, constituindo uma trindade pedagógica, fundada, amparada e legitimada pela ordem médica. Assim, guia da pela ordem médica, estar-se-ia procedendo a uma operação com um duplo efeito: higienizar as “casas de educação” e dar à higiene o lugar de proeminentia entre as de maiores ciências que floresciam (química, física, fisiologia e meteoroologia).

A higiene como ciência da infância

Dr. Guimarães, em 1858, retomada de sua higienização na discussão de “Ciência da Infância”. Ao discutir as competências na educação dos filhos, afirma havia ter três grandes questões que deveriam participar desse trabalho: as mães, os pais e a higiene. O extenso discurso sobre a “Ciência da Infância” é bastante extenso expressivo do modo como os médicos representavam a educação escolar, impondo a esta os princípios, método e procedimentos oriundos daquela. Sobressaem, de fôrte forma, uma educação pública que subtraísse a criança da influência única e exclusiva do ambiente familiar, posto que o Estado queria marcar seus filhos, educando-os. O Império deixa de constituir seus súditos, não mais cidadão, portanto, uma educação exclusivamente doméstica, em que as mães cuidassem da formação moral e os pais, da formação intelectual. Defendia, contra esse formato, uma educação em que a família se constituísse em torno da criança, não cabendo, portanto, a separação de competências entre o pai e a mãe; o que alteraria o próprio conceito de família e o lugar da educação no seu interior.¹⁴ Defende, do mesmo modo, que a educação não se esgotasse nesse novo modelo de funcionamento familiar, sustentando a necessidade de uma educação pública a ser desenvolvida sob os auspícios da higiene:

Não admitemos como quer Mr. A. Martin, que sejam as mães as únicas encarregadas da direção moral de seus filhos, ficando reservado aos pais o cuidado da instrução puramente. Com efeito pela própria lei da natureza a mãe deve ter uma grande parte na educação dos primeiros anos tanto moral como de outra espécie, mas pretender negar ao pai uma parte n'esta doce e sublime é fazeria cruel, prejudicial e até mesmo impossível. A harmonia, que deve subsistir entre o pai e o filho se romperia ficando aquelle estranho à formação do coração d'este; um desacordo contínuo reinará entre os pais e a esposa intervindo aquelle muitas vezes de uma maneira contrária à esta nas relações entre os dois filhos.

Aos pais portanto, como temos visto, pertence uma parte desta dupla tarefa e à higiene, como veemos é reservada ou tra. A higiene, o mais importante dos ramos da Medicina, como diz o nosso discurso médico Sr. Dr. Thomaz Gomes dos Santos, virá fornecer os meios de prolongar estas existências vacillantes e de combater vitoriosamente sua fraqueza nativa.

Esta ciência da infância virá mostrarás familiares aos diretores desestabilizamentos públicos e particulares resolvendo a questão de quem deve assumir a ligação constituição, temperamento, fraqueza e disposições morbosas da infância, e ensiná-lhes a obviar estes inconvenientes oferecendo-lhes uma alternativa variada e escolhida, ar, água, lo, gar, clima adequado, uma ginástica proporcionada e até mesmo agentes medicamentosos.(1858)

14. Sobre a confluência entre o modelo familiar nuclear e o modelo escolar moderno, o estudo de Ariès (1981) constitui-se em referência obrigatória. No discurso do Dr. Guimarães é possível entrever a articulação, presente em sua defesa, entre uma “educação pública” e o reconhecimento das famílias, redefinindo e alterando, assim, as competências de pais, mães e as do próprio Estado. Para o caso brasileiro, o estudo de Costa (1989) indica, com um bom nível de precisão, como o processo de constituição da família conjugal foi representado pela ordem médica que, deste modo, procurou constituí-la.

Como se pode verificar, o brado deste médico em favor da higiene, elevando-a à condição de grande ciência da infância, produz uma representação que a transforma em molde dos modos familiares, particularmente estatais de educar e formar o bom homem social. Ciência esta que, para atingir seus fins regenerativos – cuidar e elevar os débeis – poderia, inclusive, fazer uso da arte de formular, isto é, dos aspectos medicais menores, o que surge numa representação amplificada desse ramo da medicina, que, nesse discurso, se encontra eleulado ao lugar “mais nobre e importante”.

Neste sentido, não é de se estranhar que este traço também esteja presente na tese sustentada pelo Dr. Armonde em 1874. No prefácio, logo no primeiro parágrafo,スマaria apresenta a sua personalidade e o seu interesse pelo “ponto” escolhido:

Eis-nos, jovem timido, inteligencia pobre de ilustração, espirito pouco affeito ás lidas que occupão os animos superiores e consumados pensadores, encetando um escripto publico sobre o assunto do mais palpitanter interesse, a synthese de todos os problemas sociais - a educação.

O médico, ao se envolver no desafio de produzir um esrito público em que passa ao papel “apoucadas reflexões” e a “observação de algumas cousas relativas á educação na Corte” toma para si um objecto que, segundo ele, era a síntese de todos os problemas sociais. Esta escolha não se constitui em uma escolha esteticamente individual, mas profundamente controlada pelos discursos que a corporação médica elege como prioritários ao longo da formação, na conclusão do curso e também no exercício profissional. Após explicar o valor do tema trabalhado, caracteriza, em seguida, o que entende como “Ciência da Infância”. No ponto específico e desenvolvido pelo Dr. Armonde, ele procura, nesta perspectiva, valorizar a área de higiene no interior do campo médico:

A Higiene é a primeira das ciências. Realiza o ultimo desejo de Hypocrates, é a aspiração principal do homem, dando-lhe a felicidade possível na vida; a higiene é o suco doce de todos os frutos colhidos pelos cultivadores diversos e numerosos da grande arvore das Ciências Médicas.

Como uma mãe extremosa para a humanidade, ella afasta de nós, e minuciosamente, todos os obstáculos que possam impedir ou perturbar a nossa vida. Mais piedosa que a própria Therapeutica, evita as molestias, que a esta só é dado curar. (1874)

A dissertação do Dr. Armonde fornece a crença do poder da higiene, posto que esta “mãe extremosa” era responsável por provocar um deslocamento no funcionamento da medicina, cujas preocupações, conforme os princípios da higiene, deveriam migrar da “cura” para a “prevenção”. É, pois, com o entendimento de que as intervenções educacionais encontravam-se marcadas por um caráter preventivo que o autor de senso a sua dissertação, do que também de corria o seu interesse (e o da medicina) pela educação. Ainda no prefácio, o Dr. Armonde sinaliza para o tratamento que daria aos diferentes aspectos contidos em seu ponto. Assim, ele enuncia seu protocolo de leitura:

À medida que discurramos, falaremos das relações existentes entre esse estado e a saúde dos habitantes, procurando mostrar que as molestias estão entre nós, cujo desenvolvimento é devido à imperfeição da educação; concluindo que, com o aperfeiçoamento desta, muito ganharão o nosso estado sanitário e nossa civilização, a nossa futura grandeza, seja material ou moral. A educação, todos sabem, compreende três ramos: educação física, moral e intelectual. Tão intensas são as relações que existem entre esta tripla ciência, que muitas questões não podem ser completamente classificadas em um ramo, por se ligarem igualmente a outros.

Tra tan do de uma ques tão de edu ca ção physi ca, por exem plo, nada mais na tu ral do que pas sar-se insensivelmente para uma questão de educação mo ral ou in tel lec tu al. Uma das diffi cul da des do nosso pon to está, poi s, pre ci sa men te ness a in ti ma corre lação, nessa quase inse par a bi li da de das ques tões. (1874)

Dr. Armonde explicita, por tan to, em seu protocolo o interesse pela “imperfeita educa ção” na sua “tríplice ramifica ção”(física, in te-lectual e moral), a qual carecia de aperfeiçoamento e que, se efetivada sob os auspícios da medicina, inter feriria positivamente na produ ção de “nos sa fu tu ra gran de za”. Isto é, o tri un fo do Império encontrava-se subordinado a uma cadeia de relações causais, que teria em sua pon ta ini ci al a higiene, a qual de termi na ria uma boa edu ca ção que, por sua vez, se ria de ci- siva na con stru ção de um bom es ta do sa nitá rio, uma boa ci viliza ção e, conseqüentemente, a grandeza ma terial e moral do pa ís, es tabele cendo, des te modo, uma hi erar quia de sa be res e de poderes. Neste sentido, nas teses médica s da FMRJ, pode-se perceber que, apesar de posi ções di feren ciadas a cerca de ques tões espe ci fi cas, tais como o papel da igreja, da edu ca ção fe mi ni na e da obri ga torie da de do ensino, a ên-fase anun ci a da na forma ção da mo ci da de é de- senvolvida seguindo um mo delo discursivo mar- cado pelos elementos da modé stia, da autori da de (pela eru di ção e co nhe ci men to do pas sa- do) e de relevânc ia do tema estudo, bem como pela defesa de uma rede hierárquica de po der, em cuja ori gem e pon to su per i or lo cali- za va-se a “Ciên cia da Infân cia”.

A higiene no discurso professoral

O dis curso da higiene, no en tant o, não se con stituía em uma par ti cu lar ida de dos con clui- tes do curso de me di ci na. Tam bém era le gi ti- mado jun to ao cor po do cen te da fa cul da de. O mé di co-professor Carlos Ro dri gues Vas con cel- los, ao con cor rer ao car go de Len te de Hi gi e ne

da FMRJ, foi obri ga do, pe los dis po si ti vos es- ta tu tá ri os, a es cre ver e de fen der uma tese so- bre esse tema, intitulada “Hygiene Escolar”. Essa tese, contudo, distingue-se das demais pelo fato de pre ten der abor dar um úni co pon- to, a higiene es colar, e en con trar-se ma teri al- mente estruturada de modo distinto, já que possui capa e dados institucionais imediatamente seguidos pelo texto propria mente edito. Não encontramos, por tan to, nem a se ção de agradecimentos, nem a nota avaliativa, tam - pouco os aforismos de Hipócrates. Registro uma ou tra dis tin ção, que se re fe re à pre sen ça de imagens gráfi cas no corpo do trabalho, dis pos tas ao fi nal do mes mo, em que o le i tor tem acesso aos desenhos de diferentes tipos de mo bi li ário es co lar re fe ri dos pelo au tor em seu dis curso, quando de di ca-se a abor dar essa pro ble mática, pro curando com parar os mode- los exis ten tes no mun do, suas ca racterís ti cas e vantagens. É mantida, contudo, a nota de que “A Fa cul da de não ap rova nem re prova as opiniões emitidas nas theses que lhes são apresentadas.”

O dis curso do Dr. Vas con cel los em tor no da ques tão da higiene en contra-se organizado em cinco blocos: Introdução, Internatos e Externatos, A Escola, o Aluno e Moléstias Escolares. Na introdução, o autor pro curou res sal tar a re le vân cia do tema a que se de di ca-va, bem como a abor da gem de sen volvi da. Para ele, a higiene es colar con si tu ía-se em um as- sun to que pre o cu pa va o es pí ri to dos hi gi e ni- stas fazendo com que os múltiplos e variados ele men tos de aná li se en con tra dos nos es tabe- leci mentos es colares es tivessem des pertan do a ativid ade de um grupo de trabalhadores que clamava “todos os dias pelas urgentes refor- mas de que necessita esse ramo da hygiene.” Reforma esta que, na óti ca des se mé di co, de- veria conjugar diferentes faculdades do ho- mem, rompendo com uma tradição da Antigüidade em que os povos es meravam-se na edu ca ção fí si ca dos ado les cen tes, mas des- prezavam o lado in te lec tual. Em sua época,

regis tra que ocorria um movimento oposto, isto é, em vez de ginásios onde se formava grandes atletas, “ve mos pre di os e pardieiros onde as crianças vão iniciiar-se no culto dessas deusas atormentantes, difíceis de serem mostradas – A Ciência ou a Arte –, mas á custa do desenvolvimento físico, á custa da saúde.” Ao concluir o diagnóstico da educação de seu tempo, afirma que os adolescentes são vítimas “immoladas em honra da educação pela tuberculose, escrofulose, rachitismo, etc., ou deixando impressos os caracteres dos vícios de conformação adquiridos nesse meio ainda tão descurado entre nós”. Para sustentar sua posição, recorre a um higienista italiano¹⁵ que confirmava a necessidade imperiosa de se dedicar atenção à escola e ao reforço da parte dos postulados higienistas: “La scuola è il sacro Paladio dove è riposto l'avvenire della nazione.” Descrita como sagrado palácio, a escola deveria ser ordenada pelos princípios, métodos e prescrições da higiene, de modo a poder formar sujeitos fortes, saudáveis, intelligentes e moralizados que, com essas características, alicerçariam a nação, constituindo-se em base segura para um futuro idealizado como grandioso.

Países¹⁶, personagens¹⁷, levantamentos¹⁸, procedimentos¹⁹ e estratégias²⁰ integravam a trama discursiva desse médico, cujo objetivo é convencer a todos de que o investimento em educação constitui-se em esforço que poderia ser largamente compensado quando se restituísse à “sociedade as crianças que foram entregues aos estabelecimentos de educação, educadas, fortes, robustas e aptas para pagarem com usura o empréstimo que contrahiram com ella indiretamente.” Ao encerrar sua introdução, ele busca reconhecer que seu trabalho não era completo, assinalando que os problemas que abordava requereriam estudos especiais, o que era incompatível com as características de uma tese. Todavia, afirma que em sua tese estavam indicados “os verdadeiros princípios em que se deve basear higienistas e constructores”, e que se sentiria suficientemente recompensado se tivesse a

fortuna de ver “attendidas as nossas reclamações”.

Neste conjunto de observações, fica ressaltada a presença de traços de um padrão discursivo identificado nas teses médicas: humildade, erudição, autoridade, valorização do objeto estudado e hierarquização de saberes tendo, como base, a ciência da higiene. No que se refere às representações deste último médico sobre o objeto educacional propriamente dito, verifica-se que ele propõe a realização de uma ampla cruzada moralizadora, combatendo eminentemente o modelo escolar dos internatos, sendo este ponto merecedor de destaque, pois é possível, com isto, perceber uma disputa entre a forma escolar mais identificada com o modelo religioso – dos seminários/mosteiro, de uma vida

15. Fazio, *Tratado de Igiené*, de 1886.

16. França, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Suíça, Áustria, Itália, e até mesmo, segundo ele, a “tyrannizada” Rússia; nesta sequência.

17. Rousseau (*Emile*), Montaigne (*Essays*, livro I), Locke (*Education des Enfants*, 1821) e Brouzet (*Essai sur l'education medicinale des enfants et sur leurs maladies*, 1754)

18. Apresenta dados de um recenseamento da Corte, de 1872, para provar que o número de crianças freqüentadoras de escolas já era bastante significativo. De acordo com esse censo, na Corte havia 67.064 crianças e, desse total, 15.923 encontravam-se matriculadas em uma rede de 192 escolas gratuitas (públicas e subvencionadas) e pagas. Desse quantitativo de escolas, 94 eram gratuitas, sendo 46 voltada para o ensino masculino e 48 para o público feminino. Neste censo discrimina-se ainda o público das escolas públicas e particulares quanto ao gênero, sendo encontrados 4.734 alunos e 4.588 alunas na rede pública e 3.470 meninos e 3.131 meninas nas escolas da rede privada.

19. Segundo ele, as conferências e exposições escolares que aconteciam eram interessantes, mas pouco práticas do ponto de vista da higiene escolar, sobretudo porque ainda tratavam as crianças de modo fragmentado, abandonando o trabalho corporal/físico.

20. Reconhece que já se dispunha uma grande soma com o ramo escolar, apesar do atraso em que o mesmo ainda se encontrava, o que poderia nos levar à conclusão de que o problema era, então, de gerenciamento dos recursos. Este problema até poderia existir, mas este médico aponta, também, para a necessidade de elevação dos recursos a serem gastos com educação, propondo um imposto pequeno por habitante, a exemplo do que, segundo ele, já era praticado na maior parte dos países estrangeiros. A inclusão de um “imposto escolar” também esteve presente no horizonte do poder executivo central a ponto de, no relatório ministerial de 1879, o Ministro Carlos Leônido de Carvalho defendê-lo como alternativa para o problema do financiamento da educação.

reclusa – e aquele de fendi do pela higiene. Neste sentido, cabe acompanhar o seu posicionamento sobre este aspecto da cruzada moralizadora que pretendia ver deflagrada.

Higiene e o combate à reclusão

A principal reclamação do Dr. Vasconcellos, em sua tese de 1888, refere-se ao desprezo pelas regras de higiene escolar, o que terminava por orientar as demais reclamações que apresenta em seu discurso. No item intitulado “Internatos e Externatos”, exprime uma resolução e menção com relação aos internatos que, para ele, se constituíam em uma das fontes de enfraquecimento orgânico e de decadência da espécie, pois aquele modelo de escola não possuía “interesse único na educação geral saudável mocidade e no cumprimento da missão sagrada de entregar à pátria ci da dãos robustos e aptos para todos os mestres”. Ao contrário, o interesse único dos internatos residiria, segundo ele, no maior ou menor lucro que lhes poderia advir do ensino. Além deste aspecto, enumerava outros que também condenava como, por exemplo, o regime disciplinar que aprisionava as crianças, a alimentação quase sempre mal preparada, males colhida, mal distribuída e “não raras vezes pouco asséada”, a ausência de vigilância nos dormitórios, o número excessivo de alunos e o longo tempo de estudo.

Ao concluir sua exortação contra os internatos, o Dr. Vasconcellos recorreu à Arnould²¹ que afirmava “o interno é de prazer a todos os respeitos”, sendo “nullo para a educação e torna-se ódiooso para os pensamentos.”²² O médico brasileiro reconhecia, contudo, a utilidade dos internatos para os meninos que não possuíssem família próxima instalado, ou quando o menino precisasse de “sujeição”. Nesses dois casos, considerados como exceção, mais do que em qualquer outro, os internatos deveriam ser organizados sob a égide da

higiene e presididos pelos seus cânones, de modo a evitar desgramentos, desencaminhamentos, entrega à vida agitada das paixões e abandono completo dos deveres de aluno.

Contra o modelo dos internatos, o professor da FMRJ defendia a adoção dos externatos como padrão que, na perspectiva adotada, deveriam ser localizados, construídos, organizados e mantidos sob todas as regras que a higiene e a pedagogia prescreviam, de modo a preencher “com plena mente a missão” a que se destinavam. Com isso, enumera as vantagens deste modelo:

Com efeito, terminada a tarefa escolar, o alumno regressa para a sua casa, onde, além dos cuidados da família, encontra liberdade de exercício, sem sujeitar-se a determinadas convenções disciplinares.

O exercício que elle faz quando se dirige para a escola, ou quando d'ahi sae, produz a mais benéfica influência sobre o organismo; o alumno deixa atmosfera sobre carregada de exhalações das salas do colégio e aspira, pelo menos durante um certo tempo (duas a quatro vezes por dia), ar mais puro e mais livre. (1888)

O externato permitiria às crianças uma espécie de liberdade, ao mesmo tempo em que as obrigaava a um exercício físico diário em virtude do deslocamento que teriam de realizar entre a casa e a escola. Este é, portanto, o modelo de escola apregoado pelo Dr. Vasconcellos, especialmente porque:

Desgraçadamente, raro não é o colégio entre nós que possue, já não dizemos bôas, regulares condições de hygiene. Em geral as salas

21. *Traité de Hygiène Publique et Privée*, p.1122.

22. Partilha da crítica formulada por Hippocrate em seu relatório (1871), aproximando-se, deste modo, do modelo que segundo o relator francês encontrava-se em voga nos EUA.

acaanhadas, malventiladas, mal iluminadas, sem aconveniente orientação, sem espaços suficiente para recreios, latrinas, etc.; além disso, um numero de alum nos hia acumulados, excedendo do dobro, do triplo e além da lotação máxima. (1888)

A defesa dos externatos encontra-se, portanto, ancorada no argumento de que a saída da criança do pré-dio escolar é positiva, visto que a arquitetura do mesmo era contra-indicada, pois não atendia aos costumes higiênico-sanitários²³ recomendados pelos médicos, sendo a saída das escolas considerada um procedimento que funcionaria como linha de fuga, possibilitando ao aluno uma vida mais saudável do ponto de vista físico e moral. Naten-ta-ti-va-de-ampliar-a-sus-ten-tação-de-seus-argumen-tos,-re-correu-a-um-levan-tamento-produ-zido-pelo-Delegado-de-Instrução-da-Freguesia-de-São-Cristóvão,-Sr.-Silva-Santos. Apoiado nesse levantamento, Dr. Vasconcellos conclui:

Agora, se considerarmos de um lado os grandes inconvenientes da aglomerção e de outro os que resultam da improriedade dos preídios, sobretudo de particulares, que são utilizados para tão exigente objectivo, baldos das principais condições que a hygiene contemporânea prescreve e capazes de serios riscos pela falta de regular distribuição da luz natural e da renovação methodica e completa do ar respirável que os alunos devem consumir durante muitas horas no decorso de 300 dias do anno, a imigração certamente não atinge de presente a enorme somma de prejuizos physicos e morais que em tais estabelecimentos se preparam ou se consumam em nome da caridade e do progresso. (1888)

É, pois, preocupado com a formação intelectual, moral e física da juventude masculina e feminina que esse médico apresenta um conjunto de medidas orientadoras da reforma profunda a que preтен-dia submeter os exter-natos,

voltados para toda a população, e os internatos (apesar dos que fossem comprovados menores necessários). Tais medidas possuíam como ponto de origem o cumprimento da hygiene²⁴, mãe extrema que deveria guiar o modo de conceber, estruturar, edificar e funcionar dos colégios, intervindo, dessa maneira, na formação da juventude, por conseguinte, na própria construção do futuro da Corte Imperial e da pátria brasileira. Posicionando-se contra a clausura dos internatos/seminários, esse médico posiciona-se, igualmente, contra a escola unidimensional, isto é, aquela preocupada fundamental e exclusivamente com a formação intelectual. Assim, combatendo uma forma escolar, combatia também um modelopedagógico.

Ao percorrer a questão do conceito de educação partilhado pelos médicos por intermédio de uma série documental constituída por teses de férias, na FMRJ, entre 1854 e 1888, foi possível acompanhar a manutenção do padrão discursivo e a existência de algumas tensões neste período. Do que foi possível perceber, para efeito de conclusão da análise do esforço dos médicos em produzir consenso em torno do corpo doutrinário da hygiene, destaca-se uma insistência e uma repetição presentes, seja nas teses que apresentam

23. O autor apresenta dados de um levantamento realizado em 15 colégios que atesta que os coeficientes de iluminação, ventilação e ar permanente comportariam apenas 1.145 alunos distribuídos em 618 para as escolas de meninas e 597 para os cursos de rapazes, de um total de 1.633 matriculados. Os dados funcionam para provar que o excesso de alunos é algo que deveria ser combatido em favor da boa higiene escolar.

24. Sobre o amplo arco de competências a ser recoberto pela hygiene, o Dr. Vasconcellos afirma: "Não há desconhecer-se que a hygiene escolar joga com todos os elementos da matéria da hygiene, quer individualmente, quer em coletividade; não se pôde, pois, exigir os preceitos de edificação, exposição, disposição, etc., estejam na dependência dos preceptores; não, pertence aos hygienistas estipular os, aos governos a sua determinação e aos engenheiros a sua execução." Este discurso, além de assinalar a amplitude do arco higienista, também hierarquiza e ordena posições. No princípio e no fim, a hygiene, na medida em que são os higienistas os formuladores e seriam, eles também, os fiscalizadores. Produtores e gerentes da ordem escolar, portanto.

tam um recorte mais específico pelo tema da educação física, seja nas de mas. Seja nas que procuram tematizar de modo mais enfático os “collegios”, seja naquelas cujas preocupações giravam em torno da preocupaçāo com a “formação da mocidade” carioca/fluminense. Insistência no poder da higiene. Repetição na compreensão da necessidade de se fazer uma intervenção higiênica que articulasse, cimentasse e desenvolvesse, simultaneamente, astrês dimensões do homem, reconhecidas e referidas pelo discurso da “mãe extrema”: a moral, a física e a intelectual. Insistindo e circulando em torno desse princípio, os médicos procuraram instituir uma tripla representação dos colégios, que se manifestava em forma de combate. Combate à escola exclusivamente do físico, à escola exclusivamente do intelecto e à escola exclusivamente volta da para a formação moral. Recusa, pois, à manutenção da escola-ginásio, da escola-cárcere²⁵ e da escola-igreja.²⁶

Na nova ordem pedagógica imaginada pela higiene, não mais caberia cultuar uma faculdade do homem de modo exclusivo e mutuamente excludente. Nesse sentido, os higienistas rechaçavam a crença de um programa de formação inspirado no absolutismo de qualquer um dos fragmentos humanos, construindo, então, a crença na trindade pedagógica, fundida sob o calor dos saberes da higiene. Na ordem médica-higiênica, era tempo de integrar as dimensões humanas que, tradicionalmente, até o século XIX, na Cor te Imp erial e no Brasil, vinham sendo concebidas e tratadas isoladamente. Era tempo de uma nova religiosidade, ancorada no saber-poder da ciência. Era tempo de instituir uma nova representação dos colégios, das polícias públicas voltadas para a educação, também, de novas práticas escolares. Era, enfim, chegado o tempo da trindade pedagógica e da utopia de intervir na formação de um homem novo. Novo porque bem constituído física, moral e intelectualmente. Novo porque inscrito em uma perspectiva do homem e da sociedade que buscava legitimar-se como

nova, em um tempo no qual se dirigiam ações rumo à modernização da sociedade, do trabalho, da economia e da escola. Era tempo de urbanização e de aburguesamento. Portanto, também era tempo de higienização.

Higienização escolar que, recobrindo diversos aspectos (circumfusa, ingestiva e aplicativa, dentre outros), desdobrava também na parilha de conceitos referentes à produção de um corpo educado, de culturas intelectuais higienizadas e do patrocínio e estímulo àquilo que os próprios médicos designam de “ginástica da vontade”, isto é, a definição da própria moral do homem, que deveria presidir as práticas escolares. No interior desse complexo e descontínuo arcabouço discursivo, a idéia de infância e de educação escolar são constituídos simultânea, solidária e mutuamente dependentes. Com isso, ao representar a infância como o “porvir do amanhã”, adicionando o argumento da religião-caridade, da prevenção, da economia, da eugenia ou mesmo direito, tal esforço colabora para se construir a representação da escola higiênica-higienizada e higienizadora – como incubadora de um “amanhã” regido e controlado pela racionalidade promovida com uma ordem que produzia seus “engeitados” e “incluídos”, tanto como enunciava dispositivos voltados mais para a redução dos efeitos das desigualdades existentes entre uns e outros do que propriamente para a erradicação de suas efetivas motivações.

Nesses termos, torna-se possível relativizar a reação “indignada” do Dr. Moncorvo

25. Valho-me dessa associação porque os médicos, ao criticarem a escola do immobilismo e dos longos tempos dedicados ao estudo, freqüentemente associavam essa modalidade de ensino àquela preocupada exclusivamente com o desenvolvimento intelectual dos alunos e, desta forma, para eles, constituíam-se em verdadeiras prisões para os jovens.

26. Hippéau (1871) trabalha com associações semelhantes ao combater os internatos que, segundo ele, eram uma “triste mistura de clausura e quartel”.

Filho (1922) a Gustave Le Bon que, segundo ele, “ignominiosamente”, “comigo rância deplorável” do Brasil, representou-nos como “um povo decadente e ‘trop libéral pour des races sans energie et sans volonté...’” Contra essa posição, recusando esse suposto traço natural do povo brasileiro, dirigindo-se à audiência das sessões de abertura do I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, o médico brasileiro afirmava: “Senhores, pode ser que laboremos em erro. Estamos, porém, convencidos de que o nosso trabalho, no sentido de conseguirmos para o nosso Brasil o melhor porvir, deverá ser cuidar desveladamente, dessa

geração que amanhã bemdirá os nossos esforços, as nossas lutas e as nossas vitórias.” (1922, p.129). Assim, coloca na intervenção continuada junto às crianças toda a responsabilidade pelo futuro grandioso que idealizava e prometia, cujo alcance dependia de uma infância devidamente higienizada, mesmo que tal estratégia produzisse, legitimasse e terminasse por naturalizar as desigualdades da “geração do amanhã”, o que, de sua parte, colaborava para manter viva a representação do eugenista francês que deixava o médico brasileiro “tão indignado”.

Referências bibliográficas

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed.. Trad. de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ARMONDE, Amaro Ferreira das Neves. *Da educação physica, intellectuale e moral da mocidade no Rio de Janeiro, e de sua influência sobre a saúde*. Rio de Janeiro: Typ. do Apostolado, 1874.
- COSTA, Júrandir F. *Ordem médica e norma familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- COSTA, Maria J. F. F.; SHENA, De nil son R.; SCHIMDT, Maria A. (Orgs.) *1ª Conferência Nacional de Educação*. Brasília: MEC/INEP-IPARDES, 1997.
- COUTINHO, Candido Teixeira de Azevedo. *Esboço de uma hygie ne dos collegios applicavel aos nossos: regras principaes tendentes á conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quais se deve regular os nossos colégios*. Rio de Janeiro: Typographia Universitária, 1857.
- DEPARTAMENTO DA CREANÇA NO BRASIL. I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 6º Boletim (1921-1922). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924.
- FERNANDES, Régio. Orientações pedagógicas das “Casas de Asilo da Infância Desvalida” (1834-1840). *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.109, p.89-114, mar. 2000.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. Trad. de Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GONÇALVES, Francisco de Paula Lázaro. *Que regimento será mais conveniente para a criação dos expostos da Santa Casa da Misericórdia, atentas as nossas circunstâncias especiais, criação em commun dentro do hospício, ou a privada em casas particulares?* Rio de Janeiro: Typographia Universitária, 1855.
- GONDRA, J. G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- _____. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- GUIMARÃES, Antenor A. R. *A hygie ne dos collegios applicavel aos nossos: esboço das regras principaes tendentes à conservação das saude e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quais se deve regular os nossos colégios*. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858.

HIPPEAU, C. *L'instruction publique aux États-Unis*: écoles publiques, colléges, universités, écoles spéciales. 2. ed. Paris: Didier, 1872.

KOSELLECK, R. *Le futur passe*: contributions à la sémantique des temps historiques. Traduit par Jochen Hock; Marie Claire Hock. Paris: Éditions de l'école des hautes études en sciences sociales, s. d.

KUHLMANN JR., Moyés. Education dans l'éducation brésilienne. In: LOPES, Eliane Marita T.; FARIA FILHO, Luizano M.; VEIGA, Cynthia G. *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LEITE, Miriam L. M. A infância no século XIX segundo o modelo europeu e os vícios de vida. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez/USF, 1997.

MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos excessos e a criança abandonada no Brasil (1726-1950). In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.) *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez/USF, 1997.

_____. *Histórias sociais da criança abandonada*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

SPENCER, Herbert. *Da educação intelectual, moral e física*. Lisboa: Editora Literaria Fluminense, 1886.

PRIORI, Mary del (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

VASCONCELLOS, Carlos Rodrigues. *Hygiene Escolar*: suas aplicações à Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1888.

Recebido em 31.08.00

Aprovado em 07.11.00

José G. Gonçalves é professor adjunto na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), coordenador da área de História da Educação e Doutor em Educação pela USP, na área de História da Educação e história da mídia.